

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DAS CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

Isabella Croccia D'Onofrio

Fenomenologia Existencial e Transtorno Afetivo Bipolar: uma análise da experiência
Maníaco-Depressiva

Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia

São Paulo

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DAS CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

Isabella Croccia D’Onofrio

Fenomenologia Existencial e Transtorno Afetivo Bipolar: uma análise da experiência
Maníaco-Depressiva

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a
graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Profa. Dra.
Maria Thereza de Alencar Lima.

SÃO PAULO

2023

*“Nada tenho que ver com a ciência; mas, se homens em quem
supomos de julgamentos são reclusos por dementes,
quem nos afirma que o alienado não é o alienista?”*

- O Alienista, Machado de Assis.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Luciana por me mostrar a importância de estarmos atentas as nós mesmas – seguindo a intuição. A intuição realmente nunca falha, nos leva a lugares maravilhosos. A meu pai Flavio por cuidar de mim. Você cuida como ninguém. Obrigada por acreditarem em mim!

A Matteo, meu querido irmão e melhor amigo, por ser meu maior apoiador e parceiro por todos esses anos. Mesmo morando longe, tenho você perto de mim todos os dias.

A tia Denise, por ser o exemplo de mulher que sabe viver a vida com a radiância e descomplicação que ela merece.

A Avó Therezinha, Nonna Sofia e falecido Nonno Bruno, por me mostrarem desde a infância que a felicidade é algo simples, é preciso pouco.

A Bruno, por me inspirar diariamente com seu jeito único de ver a vida e de ter a sorte de compartilhar isso comigo. Amo viver ao seu lado!

A meus amigos da PUC, por me acompanharem desde o primeiro dia de aula. Tive, certamente, os melhores cinco anos da minha vida ao lado de vocês. Obrigada pelas vivências, trocas e experiências repletas de autenticidade. Sentirei falta de vê-los todos os dias, mas carregarei cada um de vocês no meu coração, junto com a marca de tudo o que vivemos em nossa trajetória até agora. Sou melhor com vocês ao meu lado!

A Teca por me acompanhar nessa jornada de um ano e sempre estar disposta a ouvir meus questionamentos e angústias.

A Gabriel por me introduzir da melhor forma a fenomenologia, e dispor de seu precioso tempo para trocar e refletir comigo sobre o fazer deste trabalho.

E por fim, a meu primeiro paciente, por dar sentido a minha atuação na psicologia, inspirar esse trabalho e transformar a forma como eu vejo e atuo no mundo.

RESUMO

7.07.00.00-1 - PSICOLOGIA

Título: Fenomenologia Existencial e Transtorno Afetivo Bipolar: uma análise da experiência Maníaco-Depressiva

Aluna: Isabella Croccia D’Onofrio

Orientador: Profa. Dra. Maria Thereza de Alencar Lima

Ano: 2023

O objetivo deste trabalho foi ampliar a compreensão sobre o Transtorno Afetivo Bipolar, analisando o tema à luz dos conceitos da fenomenologia existencial de Martin Heidegger (1889-1976) e da Psicopatologia Fenomenológica. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, com base em revisão de produções acadêmico-científicas sobre Psicopatologia Fenomenológica existencial, com particular atenção aos conceitos da ontologia heideggeriana apresentados na obra *Ser e Tempo* (2012). As reflexões realizadas foram apoiadas no episódio três da primeira temporada da série televisiva “Amor Moderno” (2019 – 2022) intitulado “Me Aceita como Eu Sou, Quem Quer que Eu Seja”. A partir da análise do episódio, buscou-se a compreensão do mundo-vivido da personagem principal, Lexi, detentora de um diagnóstico psiquiátrico de bipolaridade. Ademais, foi possível tecer sentidos acerca da experiência maníaca e experiência melancólica da personagem e observar que os conceitos existenciais ser-para-morte, corpo – nojo e tempo foram os aspectos que mais influenciaram em seu mundo-vivido, além da importância da conquista de confiança da personagem em si-mesma e em suas relações próximas, como um caminho para sua melhora.

Palavras-chave: Psicopatologia, Transtorno Afetivo Bipolar, Fenomenologia, Heidegger.

ABSTRACT

7.07.00.00-1 - PSYCHOLOGY

Title: Existential Phenomenology and Bipolar Affective Disorder: an analysis of the Manic-Depressive experience

Student: Isabella Croccia D'Onofrio

Supervisor: Prof. Dra. Maria Thereza de Alencar Lima

Year: 2023

The objective of this work was to broaden the understanding about Bipolar Affective Disorder, analyzing the theme in the light of the concepts of Martin Heidegger's existential phenomenology (1889-1976) and Phenomenological Psychopathology. This was a qualitative research, based on a review of academic-scientific productions on existential Phenomenological Psychopathology, with particular attention to the concepts of Heideggerian ontology presented in the work *Being and Time* (2012). The reflections were supported by episode three of the first season of the television series "Modern Love" (2019 - 2022) entitled "Accept Me as I Am, Whoever I Am". From the analysis of the episode, we aimed to understand the lived-world of the main character, Lexi, who has a psychiatric diagnosis of bipolar disorder. Furthermore, it was possible to construct meanings about the manic experience and the melancholic experience of the character and to observe that the existential concepts being-to-death, body - disgust and time were the aspects that most influenced her lived-world, besides the importance of the character's gaining confidence in herself and in her close relationships, as a path to her improvement.

Keywords: Psychopathology, Bipolar Affective Disorder, Phenomenology, Heidegger.

A luta contra si mesmo é a mais difícil das lutas. Vencer-se a si mesmo é a mais bela vitória.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I: Ontologia Heideggeriana.....	11
2.1 Corpo, Tempo e Espaço.....	16
CAPÍTULO II: Psicopatologia Fenomenológica	20
2.1 Sobre "Saúde-Doença" e "Normal-Patológico"	23
2.2 A fenomenologia do Transtorno Afetivo Bipolar	26
2.2.1 Experiência Melancólica	26
2.2.2 Experiência Maníaca	29
CAPÍTULO III: Metodologia.....	33
DISCUSSÃO	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	50
Anexo I.....	53
Anexo II.....	53

INTRODUÇÃO

O Transtorno Afetivo Bipolar (TAB) é um distúrbio psiquiátrico crônico, marcado pela alternância de humor entre episódios de depressão e mania ou hipomania. Estas mudanças de humor decorrem de fatores neuroquímicos e podem ser desencadeadas por estresse. Na maioria das vezes, a hipótese diagnóstica é considerada diante de uma fase de mania e os sintomas que caracterizam o quadro acometem homens e mulheres de maneira equânime, não existindo evidências de prevalência deste transtorno em um dos sexos (COSTA, 2008, p. 105).

De acordo com a descrição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V, 2014), pessoas que se encontram na fase depressiva da doença apresentam humor melancólico, apatia, anedonia, alterações do sono, alterações do apetite, redução da libido, diminuição da autoestima e autoconfiança, perda de interesse e, em casos mais graves, ideação suicida. Já o estado maníaco caracteriza-se por comportamentos expansivos, excessivamente alegres e eufóricos. Observa-se elevação da autoestima, pouca necessidade de sono, agitação psicomotora, aumento de energia, comportamento expansivo e aumento da libido.

Em decorrência do exposto, é comum que pessoas diagnosticadas com esse transtorno tenham dificuldades de manter relacionamentos afetivos e sociais, o que agrava outros aspectos de sua vida, para além da patologia, culminando, muitas vezes, em intensa vulnerabilidade social. Este cenário parece encontrar correlação com o alto índice de suicídio de pessoas diagnosticadas com TAB. De acordo com Costa (2008), aproximadamente 25% destes pacientes tentam suicídio, sendo que essas tentativas estão relacionadas a diversos fatores genéticos, físicos, sociais, ambientais, entre outros.

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso foi refletir, à luz dos conceitos da Fenomenologia hermenêutica (Heidegger, 1927), esse quadro diagnóstico, (re)pensando suas expressões e condições a partir de uma perspectiva mais humana. Meu interesse originou-se de questionamentos sobre o campo teórico adquirido na graduação e sobre um fazer prático, vivenciado em um estágio de acompanhamento terapêutico no Ambulatório de Ansiedade do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (AMBAN - IPq/HCFMUSP), onde acompanhei no decorrer de dois semestres um paciente da área psiquiátrica com diagnóstico de Transtorno Afetivo Bipolar. E foi a busca por uma identidade profissional mais consistente com meus valores pessoais e minha angústia

existencial frente ao crítico cenário da saúde mental que sustentaram o desenvolvimento deste trabalho.

Desde o início da minha adolescência meus olhos brilhavam para a possibilidade de investigar a natureza da mente humana e o impacto que inconstâncias no existir poderiam gerar no cotidiano de diversas pessoas. Durante o percurso do estágio, acompanhei de perto o processo de cuidado do meu paciente, o que se desdobrou em críticas e dúvidas sobre a visão psiquiátrica institucional.

Meu olhar de jovem estudante sensibilizou-se com o fato de que as pessoas eram tratadas não pela sua humanidade, mas pelo seu transtorno. Nas reuniões multiprofissionais que participei, percebia que a prioridade em “estabilizar o humor” dos pacientes, os reduzia ao diagnóstico, à sua organicidade, tendo suas angústias, enquanto pessoas, ignoradas. Os pacientes, em sua maioria, esquecendo de si-mesmos, viviam uma vida à mercê de sua condição, com os horizontes completamente restritos.

Foi nesse processo de sair do campo teórico da graduação e adentrar no fazer prático da psicologia que fui entendendo qual profissional gostaria de ser. E foi durante o processo deste trabalho que encontrei, subsidiada na corrente teórica da fenomenologia, o rumo para o meu fazer como psicóloga. Em consonância com as ideias de Merleau-Ponty (1973), considere que uma das mais importantes aquisições da fenomenologia é conseguir relacionar o extremo subjetivismo ao extremo objetivismo, compreendendo a experiência do ser humano como uma unidade, respeitando a natureza multifacetada do real e iluminando os sentidos dentro do próprio fenômeno que emerge à consciência. Nada mais pleno de significado do que a junção dessas duas polaridades para tratar de coisas comumente consideradas de ordem e impacto apenas orgânico.

Propus-me, então, a um exercício de reflexão sobre o terceiro episódio da série “Amor Moderno” (2019/2022), intitulado “Me Aceita como Eu Sou, Quem Quer que Eu Seja”, que retrata a história de uma mulher em sua cotidianidade convivendo com o transtorno afetivo bipolar, podendo assim tecer várias reflexões acerca da existência da protagonista.

Ao me voltar para uma análise fenomenológica-existencial, foi imprescindível dissertar sobre a contribuição do pensamento de Martin Heidegger em sua obra *Ser e Tempo* (2012), na qual aborda uma questão fundamental: o sentido do ser. De acordo com este proeminente autor, tal sentido do ser é alcançado por uma interpretação ontológica através da chamada analítica do

ser-aí (Daseinsanalytik). Sua compreensão de homem e sua forma de relacionar com mundo é algo fundamental para compreendermos o ente a nossa frente. Foi também necessário dissertar sobre a psicopatologia fenomenológica, discorrendo sobre sua história e visão de mundo, bem como explicitar sua diferente perspectiva sobre normalidade e patologia em contraponto com os conceitos encontrados manuais psicopatológicos descritivos. Dessa maneira, os capítulos que seguem apresentarão algumas das ideias principais que subsidiaram o olhar para o fenômeno desta pesquisa e a reflexão proposta.

CAPÍTULO I: Ontologia Heideggeriana

A ontologia heideggeriana explicitada em *Ser e Tempo* (2012) evidencia que não se pode atribuir ao homem um determinado ser, uma determinada essência, mas sim tornar o “ser” uma questão única de cada homem. Heidegger compreende o fundamento do ser humano como Dasein (ser-aí) e esta expressão enfatiza a condição de abertura para o mundo e suas possibilidades - os modos possíveis de ser, não se referindo a qualidades ou propriedades específicas. Dessa maneira, o ser-aí é compreendido pela possibilidade ser-si-mesmo próprio ou impróprio, compreensão tal baseada pela própria existência, não sendo algo passível de objetificação (CARDINALLI, 2015).

Ser um ser-aí, portanto, não envolve de maneira alguma realizar potencialidades condicionadas por faculdades constituídas a priori, mas ser radicalmente as suas possibilidades de ser na dinâmica mesma de realização dessas possibilidades (CASANOVA, 2021, p. 57).

Dessa maneira, ao denominar o existir humano como Dasein, Heidegger explicita que: ele se dá como um acontecer (sein) que se realiza aí (Da), sendo direcionado ao mundo, existindo dessa forma em um movimento para fora. Isso mostra que, para Heidegger (2012), ao compreender o ser-aí, é imprescindível englobar a compreensão de mundo e dos entes que são acessíveis dentro de tal mundo (CARDINALLI, 2015).

Ao levar isso em consideração, um dos traços fundamentais do ser-aí é ser-no-mundo, constituído pela totalidade de significados acessados pelo ente, unidade indissociável de si-mesmo. Ao romper com a dicotomia sujeito-objeto observada nos pressupostos da metafísica tradicional, considera-se que o ser se relaciona simultaneamente com o mundo, com os outros seres humanos e consigo mesmo. Ele é parte do mundo, está junto das coisas (objetos) (CARDINALLI, 2015).

Como estrutura fundamental do ser-aí, ‘ser-no-mundo’ é o próprio ‘Da’ do Dasein (ser-aí). E este ‘Da’ é, propriamente, seu estado de ‘aberto ser’. (...) O ente homem, ‘aí’ no ‘mundo’ de sua constituição fundamental de ser-no-mundo, compreende-se como estar lançado em possibilidades de poder-ser. (...) ‘Mundo’ é o projetar-se em possibilidades e é a manifestação do ser, em seu ‘aí’ (Trinca, 2002, p. 35 e 36).

Dessa forma, segundo Holzhey-Kunz (2018), “o mundo pode ser visto como um horizonte compreensivo, de possibilidades, visando uma junção de significado e de sentido em que o homem vive e a partir do qual ele percebe, pensa e age” (p. 50). Pode-se perceber que o

ser-aí, de forma originária, não pode ser nada além de sua existência. Já o poder-ser acontece a partir das possibilidades abertas em sua relação com o mundo.

Tudo aquilo que vem ao encontro do homem é parte desse mundo e obtém a partir dele seu significado, o que significa, por outro lado, que tudo só se torna compreensível para o homem, inclusive ele mesmo, graças a “ser-em” neste mundo. (idem, p. 51)

Já que o Dasein existe como ser-no-mundo, significa que, impreterivelmente, existe como ser-com-os-outros, um fundamento ontológico apresentado com Heidegger (2012). Para ele, “[...] o esclarecimento do Ser-no-mundo, mostrou que, de início, um mero sujeito não ‘é’ e nunca é dado sem mundo. Da mesma maneira, também de início, não é dado um eu isolado sem outros” (ST, p. 167). Ao estar ocupando e vivendo com outros, o homem acaba se apropriando dos diferentes modos-de-ser da mediania, se afastando da abertura originária do poder-ser.

Apesar do ser-aí ser ontologicamente indeterminado, o modo como ele se desenrola no cotidiano muitas vezes vai para uma direção de ofuscamento de si mesmo. Essa trama cotidiana é intitulada de *impessoal* e acaba promovendo um distanciamento entre o ente e seus modos de ser mais próprios, uniformizando e nivelando as possibilidades do poder-ser. Isso ocorre por ser lançado em campos providos de determinação, onde o ser-aí é indicado constantemente a uma direção, constituindo seus comportamentos, preferências e modos-de-ser no geral (CASANOVA, 2015).

Tal distanciamento torna o existir mais leve, já que anestesia a responsabilidade de cada ser-aí de poder-ser-si-mesmo próprio, já que por estar decaído em um mundo em meio a outros entes, acaba sendo influenciado, se extraviando do seu ser si-mesmo, caminhando para uma existência inautêntica e como dito anteriormente, *impessoal* (CARDINALLI, 2015). O *impessoal*, por não carregar nenhum fardo, responsabilidade, alivia o Dasein na sua cotidianidade, e apesar de afastá-lo de si-mesmo, promove uma existência minimamente imperturbada, angustiada.

No cotidiano, tudo já está totalmente compreendido: todos ao redor compreendem de certo modo, falam sem parar sobre isso, e superficialmente já pensaram a respeito de tudo, o mundo é transparente, a vida é assim mesmo, nada resta para ser compreendido. Esse é o modo do todos-nós-ninguém, onde o homem abdica da sua abertura para a verdade do ser em prol da acomodação da superficialidade e comodidade (BUENO, 2012, p. 61).

Apesar do afastamento promovido pela *impessoalidade* do cotidiano, o ser-aí é convocado e “tem-de-ser”, viver. Esta é a tarefa que lhe é estabelecida e tal tarefa não é vivida

de acordo com padrões naturalmente postos a priori, mas deve ser assumida pelo Dasein e unicamente por ele (HOLZHEY-KUNZ, 2018). Esse movimento dialético do vir-a-ser acaba possibilitando e abrindo espaços para uma existência mais autêntica (ou não), sendo esse movimento o que possibilitaria as mudanças das formas de ser-no-mundo e aproximações das instabilidades do viver (CARDINALLI, 2015).

O Dasein é um ser aberto e indeterminado, porém esta abertura age justamente como base para um processo de familiarização com um mundo fático no qual ele se vê inicialmente lançado e é a partir desta familiaridade que ele construirá sua dinâmica existência, que ele conquistará seu poder-ser projetando-se em um campo existencial (GOMES, 2018 *apud* CASANOVA, 2015, p. 6).

Independente do cotidiano permeado pelo impessoal, o Dasein (ser-aí) é abertura e está sempre se relacionando como o mundo, outros e si mesmo. E essa abertura é descrita por três principais estruturas existenciais nomeadas de *compreensão* ou *entender*, *disposição* ou *encontrar-se* e *discurso*. Heidegger (2012) postula o compreender e a disposição como fontes genuínas de conhecimento. Ao nos referirmos ao compreender, dizemos respeito aos desdobramentos das possibilidades de ser, e não se referindo a processos cognitivos específicos que viabilizam saber de algo ou do mundo. Assim, o Dasein se abre via compreensão, sendo essa abertura se referindo ao modo como nos comunicamos com nossa projeção no mundo, tornando-se assim uma abertura de possibilidades. Assim esse existenciário faz com que o Dasein se abra para os significados do mundo e concretize dessa maneira seu poder-ser a partir do horizonte compreensivo, havendo uma compreensibilidade em constante devir (GOMES, 2018).

Ao mesmo tempo, ao nos referirmos a abertura da compreensão, a disposição se faz presente, já que o compreender é um sempre compreender afetivamente. Dessa forma, as tonalidades afetivas que afinam o espaço existencial ao redor fazem parte da existencial disposição - “A disposição tem sempre a cada vez sua compreensão... Compreender é sempre compreender afinado...” (ST, p. 142). Em suma, é pela disposição que se pode desvelar o sentido das coisas como feias, interessantes, boas, ruins etc., ou seja a “atmosfera” a partir da qual tudo se mostra ao ser-aí. O homem existe no mundo sempre à luz de alguma tonalidade afetiva.

Tudo que se apresenta do mundo para alguém é acolhido por meio de uma dada disposição ou uma tonalidade afetiva específica, e tudo o que aproxima, sejam as pessoas, sejam as coisas, aparece entrelaçado aos significados e sentido (CARDINALLI, 2015, p. 251).

Assim, o Dasein se abre para suas possibilidades via compreensão, e a disposição dá a tonalidade afetiva a partir de como a abertura do mundo se dá, onde o ser-aí se projeta como poder-ser. Dessa forma, a compreensão - no sentido ontológico - é encontrar-se em uma disposição básica de abertura compreensiva, sempre sendo compreensão dispositiva (GOMES, 2018). Não obstante, os existenciais compreensão e disposição descritos acima não são suficientes para abarcar a totalidade do ser-aí. É preciso, para além de compreender dispositivamente, articular este sentido de alguma forma, manifestá-lo no mundo.

É aí que o discurso toma relevância. A partir da compreensão dispositiva, a articulação do discurso se configura a totalidade significativa, sendo um dos fundamentos ontológico-existencial da linguagem. Esse discurso pode se desmembrar em significações, nas quais as palavras surgem revelando algo - não necessariamente faladas, mas expressas de alguma maneira. Assim, ao se expressar, o ser-aí se mostra como ente (CARDINALLI, 2015, p. 251).

A compreensibilidade do ser-no-mundo, tem conjunto com a disposição, se pronuncia como discurso, sendo a linguagem o pronunciamento do discurso, que discorre sobre os assuntos do Dasein como ser-no-mundo, seus desejos, apreensões e sonhos. O próprio homem se mostra então como um ente que é no discurso. O ser do Dasein é partilhado no discurso, pois nele o Dasein se pronuncia no mundo como ser-no-mundo (BUENO, 2012, p. 78).

Dessa forma, Casanova (2015) afirma que o impessoal, a compreensão dispositiva e o discurso se articulam na totalidade da analítica do Dasein, uma vez que todo campo de realização do poder-ser é um campo dispositivo-compreensivo, que por consequência dá sustentação para que o discurso ganhe vida. Esse descerramento dispositivo-compreensivo do campo que é existencialmente interpretável ilumina as possibilidades do poder-ser, que inevitavelmente estão em um mundo fático e consequentemente postos na trama do impessoal.

Em meio a essa dinâmica existencial do Dasein, outra condição importante de se assinalar é a de ser-para-morte, sendo a possibilidade mais radical da existência humana, reiterando a condição de finitude e limitação do ser-aí. Vale pontuar que a morte, para Heidegger (2012) não se refere apenas a uma morte orgânica, mas sim ao morrer em um sentido existencial. Assim, o ser humano sem sombra de dúvidas está fadado a lidar com o fim, não tendo a possibilidade escolher morrer ou não, fato que traz diversos desdobramentos ao ser-aí (CARDINALLI, 2015).

Um primeiro desdobramento seria a fuga da possibilidade de sua finitude. O ser humano evita de diversas formas entrar em contato com a condição de vulnerabilidade das suas tramas

cotidianas, e, por estar inserido na cotidianidade, o impessoal, articula formas de não entrar em contato com a angústia de sua limitação. Vive como se fosse eterno, sem barreiras ou banaliza tal fato, ao saber que a morte é algo inevitável.

Cair na existência cotidiana é uma das formas para distanciar a angústia da sua condição de finitude. Uma familiaridade é construída ao ponto que o Dasein é “para fora”, ou seja, seu estado fundamental não se limita apenas a ser-si-mesmo, mas também está-no-mundo, tendo noção da sua própria existência e conseqüentemente sua finitude. Assim, a condição de ser-para-morte angústia, e para sustentar tal angústia o dasein pode, no meio desta trama, evitar entrar em contato com tais aspectos intransponíveis de sua existência tratando de sua finitude como, por exemplo, algo irrelevante, superável, ao se apoiar em discursos religiosos de vida após a morte, ou até com falas generalistas “todo mundo vai morrer”.

Desse modo, o Dasein dá um salto em direção ao fim e encontra a sua morte, para então voltar ao lugar de onde partiu, absolutamente angustiado com o que encontrou. Não sustentando sua natureza, ele cai na existência cotidiana onde tudo é compreendido, buscado e discutido apenas superficialmente, para manter as coisas exatamente como estão (BUENO, 2012, p. 55-56).

Ao compreender sua finitude, a abertura para um poder-ser mais autêntico é desvelada, onde na existência do dasein a condição de ser-para-morte aponta para um sentido de se apropriar de sua existência. Essa relação entre a finitude e propriedade do poder ser é experienciada na tonalidade afetiva da angústia.

A angústia, por sua vez, se mostra fundamental nesse processo, sendo nomeada de tonalidade afetiva fundamental, referindo-se ao poder-ser do Dasein. O ser-aí angustiado rompe com a impessoalidade de sua existência, projetando-se no mundo em virtude do seu poder-ser mais próprio, já que ao se deparar com sua condição ontológica de indeterminação, se direciona ao cuidado, um dos modos de ser do Dasein (GOMES, 2018 *apud* CASANOVA, 2015).

A angústia revela ao ser o poder-ser mais próprio, ou seja, o ser-livre para a liberdade de assumir e escolher a si mesmo. A angústia arrasta a presença para o ser-livre para . . . (propensio in . . .), para a propriedade de seu ser enquanto possibilidade de ser aquilo que já sempre é. A presença como ser-no-mundo entrega-se, ao mesmo tempo, à responsabilidade desse ser (CARDINALLI, 2018 *apud* HEIDEGGER, 1927, p. 252).

A angústia é o fenômeno que dissolve o sentido comum, mediano e impessoal dos objetos mundanos, colocando o indivíduo diante da liberdade e responsabilidade de escolher

suas próprias possibilidades de vida. Essa experiência singulariza a existência do ser-aí, permitindo que ele se torne um ser autêntico, capaz de fazer escolhas que refletem suas aspirações e valores individuais, responsabilizando o ser de ser-si-mesmo-próprio.

Dessa maneira, o cuidado (*Sorge*) mostra-se como uma unidade existencial do Dasein, sendo a possibilidade fundamental do modo de ser do ser-aí. O termo "cuidado" para descrever o ser do Dasein é uma união da complexidade estrutural da análise fenomenológica do ser-no-mundo identificada em *Ser e Tempo*. Por sermos finitos, devemos cuidar da nossa existência - angustiando-se com tal condição, o Dasein entra em contato com sua condição ontológica de indeterminação, recuperando assim a responsabilidade de ser-si-mesmo (CASANOVA, 2021). Existem dois modos principais de cuidado, de acordo com Heidegger, nomeados pelos termos ocupação e preocupação. Sá (2000) comenta sobre ambos os modos:

[...] por "ocupação" (*Besorgen*), nomeia ele o "cuidado" para com os entes intramundanos cujo modo de ser revela-se a partir da utilidade instrumental, como vimos a pouco no exemplo do artesão; já por "preocupação" (*Fürsorge*), designa ele o "cuidado" para com os entes que têm o modo de ser do Dasein" (p. 264).

Diante do exposto, a angústia e o cuidado demonstram uma grande importância ao pensar no vir-a-ser do homem, em sua existência. Para além disso, a forma como o mundo vai organizando corpo, tempo e espaço vai ditando os modos do Dasein se relacionar com tal mundo e como ele vai compreendendo o seu redor à medida que abre para o horizonte de sentidos.

2.1 Corpo, Tempo e Espaço

Ao pensarmos sobre corpo, tempo e espaço em uma perspectiva fenomenológica, devemos esquecer dos pressupostos de que nossos movimentos ou escolhas são ditadas por algo interior, orgânico, que determinaria o seguir um caminho e não outro. Assim, não estamos nos referindo neste capítulo a uma cronologia dos fatos, do nosso corpo orgânico ou de como o espaço dita nossos comportamentos, mas sim como esses processos de espacialização, temporalização e corporação sendo delimitados pelo impessoal - a mediania - ditam os sentidos e nossos modos de ser-no-mundo.

É importante lembrar que o dasein não pode ser determinado, é marcado por uma nada ontológica originária, ou seja, não há nenhuma condição positiva que nos oriente aprioristicamente, não podendo ser reduzido a um aspecto específico. Essa estranheza primeira,

essa nidade do dasein, é algo que o existente não tem como escapar, fazendo com que essas organizações de espaço, tempo e corpo sejam necessárias para fornecer alguma familiaridade para o existente. Precisamos do mundo e sua cotidianidade, baseadas em uma historicidade própria dos campos utensílires para dar um contorno para nossa existência.

Exatamente na medida que é constitutivamente estranho, o existente não tem como escapar por si de sua estranheza e precisa do mundo para que o mundo forneça a única familiaridade que ele tem e pode ter, a única base confiável com a qual ele pode de saída e na maioria das vezes, para me valer de uma expressão empregue por Heidegger à exaustão, contar (CASANOVA, 2021, p. 70).

Assim, fica claro que nossa existência se dá dentro de uma cotidianidade, dentro do impessoal, que organiza os nossos modos de ser-no-mundo, normatizando nossos modos de se mostrar, porém para além disso fica claro que ao olharmos para essa ligação originária entre sentido e significados é desvelado um outro aspecto: nossos modos de ser dependem das organizações de espaço, tempo e corpo que são existencialmente determinados pelo mundo (CASANOVA, 2021).

Casanova (2021) reitera que ao olharmos para o espaço, devemos nos distanciar de uma visão positiva e dicotômica do fenômeno espacial onde o encontro com o espaço se baseiam em atividades cognitivas interiores, mas olhar como se dá essa dinâmica de espacialização de espaço para o dasein. Ao suspender todos os pressupostos e buscar a experiência espacial de forma originária, é descoberto um novo sentido de olhar para tal fenômeno, onde o enfoque fica na forma em que as relações utensílires vão se dando, se constituindo.

O ser-aí decaído no mundo impessoal já está posto, em uma posição na qual ao redor já apresenta redes utensílires compartilhadas, formando um horizonte de sentido relacional, sedimentado em certa familiaridade com o que circunda. E o existente possivelmente se relaciona com tais redes, construindo uma confiabilidade, intimidade com os espaços ao redor, uma sensação de “obviedade natural” de tal experiência. Para ilustrar este ponto, penso que ao entrar em uma sala de aula, provavelmente sei como irei chegar lá, como abrirei a porta, onde sentarei, como irei me comportar no local... Não ficarei refletindo sobre minhas escolhas a cada momento: o sentido já é dado, sem questionamento sobre o que está sendo realizado.

[...] nós nos orientamos de saída e na maioria das vezes no espaço a partir da sedimentação da dinâmica de espacialização em sintonia com os lugares, os entornos, as regiões, as direções etc. Só há espaço em meio ao acontecimento espacializante, em meio a abertura do campo

mesmo que sustenta toda e qualquer possibilidade de lida com os entes a mão. (CASANOVA, 2021, p. 75)

Ao olharmos para a temporalização, há uma evidente importância na determinação estrutural da existência humana como cuidado. Ao nos voltarmos para o tempo, lidamos diretamente com a questão do cuidado enquanto a responsabilidade de ser si-mesmo, enquanto o desvelar de possíveis modos de ser e sua efetivação. Assim, conforme o ser-aí vai se relacionando com os utensílios, ele vai compreendendo como pode agir, tendo que ser cuidado num tempo que é finito. É na temporalidade que o movimento para fora de si e para si mesmo ocorre, revelando assim o movimento ek-stático da existência do *dasein*.

Na medida em que se relaciona com utensílios e imerge em uma atividade prática qualquer, o existente assume um de seus modos possíveis de ser, e, com isso, se determina em seu ser, porque ele é os seus modos de ser na medida em que se relaciona com os outros existentes, eles determinam em seu próprio ser porque tal relação aponta para um dos seus modos possíveis de ser (*ibidem*, p. 76).

O futuro solicita o ser-aí, já que a morte é uma instância posta ao pensar que somos finitos. É assim que o movimento de vir-a-ser se desenrola, possibilitando que o *dasein* vá em direção a algo, não se estagnando e se angustiando, cuidado de si-mesmo. Dessa maneira, o existente vai sendo em uma trama utensiliar e escolhendo quem “vai sendo” pois está no tempo. E o tempo é finito, o que circunscreve a existência. Existem três êxtases no processo de temporalização, revelando uma inter-relação e comunicação entre essas três instâncias: o futuro (porvir), o passado (retrovir) e o presente (apresentar) sendo inseparáveis e interdependentes entre eles. Somos sempre já antecipando a nossa morte, nosso futuro, o que enfatiza nossa finitude, que é sustentado por uma história que sustenta meus modos de ser possíveis do instante do agora. Dessas três instâncias, Heidegger dá ênfase ao futuro, já que é por conta dele que as possibilidades são desveladas e se tornam possíveis no campo compreensivo, formando assim projetos existenciais. No entanto, como um projeto em potencial ainda não se concretizou e, portanto, pode ou não se tornar realidade - sempre sendo influenciado pelo passado e o presente (CARDINALI, 2015).

Ao nos voltarmos para o corpo, embora Ser e Tempo mencione essa temática, o livro apresenta somente breves indicações a respeito dela. Já nos Seminários de Zollikon (1987), aprofundou-se mais esse assunto, graças às perguntas feitas pelos profissionais da área de saúde, incluindo médicos e psiquiatras, que estiveram presentes em tais seminários. Foi salientado que ao falar sobre corpo não estamos nos referindo a um corpo físico, verificável, calculado como visto na visão positivista médica.

Deve-se olhar para o corpo como coparticipante das realizações humanas, buscando a qualidade de uma experiência que está relacionada com a questão do corpo. Cardinali (2015) comenta que, para Heidegger, o corpo é um existencial fundamental do *dasein*, integrando a forma como se relaciona com o mundo e realiza suas possibilidades de ser. Dessa maneira, a corporeidade seria indissociável da existência e “co-responderia”, participando diretamente de uma solicitação ou de algo que lhe é apresentado, na qual o corpo está envolvido tanto na percepção quanto na atribuição de significado ao que é apresentado.

Casanova (2021) enfatiza que nossa relação com o corpo não é algo garantido, mas algo que vamos construindo e que vai se sedimentando na medida que vamos existindo, da mesma forma que ocorre com o espaço e tempo. Essa relação vai se dando conforme fomos nos compreendendo dentro de um mundo, dentro dos sentidos sedimentados desse mundo.

Nossa posição corporal em relação aos entes intramundanos, o tipo de destreza que é exigido de nós, o modo corporal de concentração da atenção ou dispersão dos focos, os aprendizados de pega e a sua sutileza ou força necessária para um determinado desempenho corporal são todos debitários de uma sedimentação do campo mesmo no qual o corpo paulatinamente se corpora (p. 88-89).

Dessa maneira, uma coisa fica clara: por um lado somos entes indeterminados, marcados por uma *nadidade* ontológica originária. Porém tal indeterminação sempre se relaciona com uma certa normatização dos nossos modos de ser em geral, em meio a um processo de espacialização, temporalização e corporação que, em meio ao impessoal, nos orientam no mundo.

Ao abordarmos as psicopatologias, ou mais propriamente, os transtornos existências, a ênfase não estará na sintomatologia, mas sim na dinâmica de existência do ser-aí – que se angustia, cuida da si ao encarar sua finitude – da qual a noção heideggeriana de *dasein* se expande, delineando uma outra forma de compreensão do sofrimento humano.

CAPÍTULO II: Psicopatologia Fenomenológica

A psicopatologia fenomenológica é descrita por Tatossian (2006) como uma releitura dos fenômenos psiquiátricos das estruturas existências do sujeito devem ser elucidadas, em conjunto com os conhecimentos da fenomenologia e seu movimento. Os estudos e produções realizadas pela psicopatologia fenomenológica subsidiam uma forma de analisar os fenômenos psicopatológicos em oposição à psicopatologia clássica de raízes positivistas cujo enfoque nas representações lógicas avalia e diagnostica pessoas considerando padrões descritos em manuais como DSM-V e CID-10.

A psicopatologia fenomenológica, por sua vez, tentaria evitar a nosologia psiquiátrica em suas reduções e rotulações, adotando novos pontos de vista na análise dos comportamentos e do adoecimento das pessoas de forma a propor uma perspectiva mais humanizada em sua abordagem, objetivando compreender o significado da experiência vivida pelos entes. Sobre o trabalho a ser realizado, esclarece Tatossian (2006):

[...]. Trata-se de um trabalho minucioso, detalhista, que exige que o psicopatologista mergulhe num mundo desconhecido sem descolar-se do conhecido, aquele que chama estas experiências de psicopatologias.
(p. 12)

Nesta proposição filosófica, o intuito é olhar para a singularidade ou particularidade do fenômeno por inteiro e não compartilhar uma ideia geral e dualista do que seria positivo ou negativo em termos de pensamento e comportamento humanos, olhar característico das ciências positivistas. Dessa forma, a psicopatologia fenomenológica, ao considerar que a existência está para o devir - sempre em construção, como um constante vir-a-ser, propõe uma releitura dos fenômenos psiquiátricos.

Historicamente, sabe-se que da idade média aos tempos modernos, o entendimento sobre “loucura” foi associado à perda de razão ou ainda à possessão demoníaca. Foi ao final do século XIX que a corrente psicodinâmica da psicanálise freudiana teorizou que a raiz dos transtornos psíquicos estariam nas fantasias inconscientes. Sob tal perspectiva, as emoções, fantasias e vivências das pessoas poderiam influenciar nas psicopatologias, a doença mental sendo resultante de conflitos internos (SCHNEIDER, 2009).

Já no século XX, a crescente multideterminação dos fatores de predisposição ao adoecimento mental causaria um impacto no olhar psiquiátrico: os “porquês” da psicopatologia deixariam de considerar apenas o âmbito orgânico (fatores biológicos e genético) associando-

se a fatores psicossociais. Assim, a possibilidade de interação desses três campos é posta (KAPLAN, SADOCK & GREBB, 1997).

É importante ressaltar que mesmo incorporando os fatores psicossociais ao olhar para o sujeito, a tendência da psiquiatria se manteve no modelo biologista já que não houve um rompimento com os pressupostos ontológicos e epistemológicos anteriores, fazendo com que a busca de soluções para adoecimentos mantivesse um caráter superficial. A medicalização e não-olhar para o indivíduo permaneceram, baseados em hipóteses sobre a presença de marcadores biológicos que determinariam a ocorrência da patologia, sendo a identificação de tais marcadores o controle de sintomas realizados por medicações psicotrópicas (SCHNEIDER, 2009).

É nesse contexto que Karl Jaspers (1883 - 1969) propôs em seu livro *Psicopatologia Geral* (1973), baseando-se no pensamento de Husserl, sendo um dos primeiros pesquisadores a aplicar a fenomenologia no estudos em psicopatologia. Este autor objetivou compreender os fenômenos psicopatológicos fundamentados na experiência do sujeito como “*uma fenomenologia dos estados de consciência*”, as sistematizando e as colocando em relação:

[...] as manifestações subjectivas da vida psíquica patológica (fenomenologia), as manifestações objectivas da vida psíquica patológica (psicopatologia objectiva), as relações compreensíveis (psicopatologia compreensiva) e as relações causais (psicopatologia explicativa) (TEIXEIRA, 2003, p. 624).

Jaspers considerou que apenas uma caracterização da sintomatologia do indivíduo com uma questão psiquiátrica era insatisfatória e pouco eficiente para compreender o fenômeno, defendendo, desta forma, o olhar para a dimensão histórico-compreensiva da fenomenologia ao abordar os fenômenos subjetivos perceptíveis nas chamadas doenças mentais (COSTA E RAMOS, 2018, p. 254).

Posteriormente, inspirados em Karl Jaspers, Minkowski e Von Gebsattel inauguraram a *fenomenologia genético-estrutural* com seus estudos, já que para além de se atentarem para as vivências do paciente, incluíram em suas avaliações, as relações entre experiências vividas e o transtorno mental, identificando uma estrutura que organiza essas experiências perturbadas do paciente. Ambos, em suas investigações de vivências melancólicas, reiteram que o tempo está amplamente relacionado a tal condição, já que em seus estudos os entes não vivenciam o tempo como uma “energia propulsiva”, onde o futuro é percebido como inacessível. Minkowski também se direcionou a estudos sobre a esquizofrenia, onde concluiu que a perturbação

essencial desta patologia estaria relacionada com a perda de contato com a realidade, onde o tempo é percebido de forma descontínua (CARDINALLI, 2012).

Ludwig Binswanger (1881 - 1966) inaugura a Daseinsanalyse Psiquiátrica corrente teórica que enfoca a história de vida e percurso de vida das pessoas, o centramento do sintoma não se faz importante, dando enfoque ao acolhimento da existência em si, sendo oposição a psiquiatria tradicional da época. Abandona as rotulações das síndromes psicopatológicas, ampliando a perspectiva tradicional da psiquiatria perante a psicopatologia (COSTA E RAMOS, 2018). Seus primeiros trabalhos foram influenciados por Husserl onde procurava compreender a essência dos fenômenos e suas vivências relativas aos seus estados de consciência. A partir de então, as ideias de Heidegger (1889 - 1976) também começaram a ser aplicadas em estudos psicopatológicos e na psiquiatria, marcando o início de trabalhos que analisariam a estrutura ontológica da psicopatologia, seus determinantes e as dimensões da existência (espacialidade, historicidade, disposição afetiva, percepção do desenrolar temporal, sonhos e outras) e como elas se modificariam em cada estado psicopatológico (CARDINALLI, 2012).

Levando isso em consideração, em um segundo momento, as obras de Binswanger (1881 - 1966) começaram a ser mais influenciadas pelo pensamento heideggeriano, focando sua análise para o projeto de mundo do paciente, explicitando a existência, onde as patologias são declinações da estrutura ontológica do ser-aí. Apesar de sua grande contribuição para os estudos em psicopatologia fenomenológica, tal estudioso não se deteve a compreender devidamente a analítica do ser-aí, desenvolvida por Heidegger em *Ser e Tempo*, de certa forma “misturando” as características ontológicas do Dasein com as ônticas. Ainda assim, foi um autor que abriu horizontes a outros psiquiatras e psicanalistas para que se aproximassem das ideias de Heidegger (CARDINALLI, 2012, p. 38-39).

Merdad Boss (1903-1990), psiquiatra e daseinsanalista suíço, inspirado nas produções de Binswanger, começou a produzir a própria daseinsanálise, enfatizando as ideias de Heidegger para tal discussão. Deste modo, através dos estudos de Binswanger, Boss descobriu que a abordagem de Heidegger sobre a existência humana, como ser-no-mundo, fornece ferramentas para compreender a natureza da existência humana sem manter a separação cartesiana (CARDINALLI, 2012).

Arthur Tatossian (1929-1995) foi um psiquiatra francês que em sua trajetória foi reconhecido pelo papel desempenhado no pensamento fenomenológico e em seu trabalho

clínico na prática psiquiátrica. Em suas obras perpassa por diversos autores de extrema importância para fenomenologia, citando Husserl, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, Jaspers, Binswanger, Minkowski, entre outros. Propõe em suas obras, um diálogo entre tais representantes, integrando suas principais contribuições, fazendo comentários e criticando certos pontos – fazendo com que sua obra seja nomeada de *psicopatologia fenomenológica contemporânea*. Suas produções tiveram a preocupação principal de desenvolver uma psicopatologia da clínica e para clínica, objetivo qual norteia suas produções (MOREIRA, 2011, p. 180-181).

Assim, o pensamento fenomenológico foi se difundindo nos estudos de temáticas psicopatológicas. Autores baseados na filosofia fenomenológica foram fornecendo cada vez mais elementos para que a lógica psiquiátrica fosse superada e reformulada, adicionando assim uma compreensão outra de ser humano para além da orgânica (SCHNEIDER, 2011, p. 711).

Isso veio promovendo cada vez mais uma visão mais humanizada, colocando o *dasein* em protagonismo em sua própria história, e evidenciando que seu transtorno existencial não é algo categorizável, mensurável – abrindo assim possibilidades para a superação da angústia. De acordo com Augras (apud Tenório, 2003) para identificar e explicitar o modo de existência da pessoa com o seu ambiente em um determinado momento de sua vida e os significados que constrói sobre si mesmo e o mundo, é necessária adequada descrição fenomenológica de seu mundo particular, singular e concreto, a fim de desvelar sentidos apreendidos de seu mundo vivido em sua totalidade. Mas é possível encontrar neste fazer analítico uma negação de qualquer origem orgânica no adoecimento mental?

2.1 Sobre "Saúde-Doença" e "Normal-Patológico"

A psicopatologia fenomenológica não ignora a origem orgânica dos transtornos existenciais e a reconhece, mas procura incluir, na observação, um destaque à natureza da experiência da pessoa com seu mundo singular, com sua realidade vivida. Nesta corrente teórica é fundamental o (re)conhecimento sobre o que esse comportamento significa em termos de sentido para a pessoa e como isso se relaciona com o todo do indivíduo, logo, a atenção volta-se ao propósito das coisas e não somente, à sua origem orgânica, de modo que o comportamento “anormal” é mais um modo de vida que o sujeito experiencia como tentativa de encarar sua realidade.

Propõe, então, que pensemos a ciência como um procedimento rigoroso, mas não padronizado, o qual englobe a dinâmica de comunicação dialética do homem-mundo, sem pré-julgamentos que podem recair em simplesmente buscar os fundamentos biológicos das psicopatologias, sem entender o significado delas em si-mesmas.

[...] reconsiderar as noções que constituem a psicopatologia tais como os de alucinação e delírio, mas também as próprias ideias dos transtornos mentais já estabelecidos, como depressão e esquizofrenia naquilo que implicam e revelam a estrutura do ser homem postulada pela fenomenologia, como, por exemplo, o ser-no-mundo ou o ser-aí, mais do que na correlação conceitual, mas naquilo que podem contribuir para a explicitação do seu sentido na correlação originária homem-mundo (KARWOWSKI, 2015, p. 72).

Dessa forma, o estudo da psicopatologia fenomenológica distancia-se do propósito de evidenciar qualquer estrutura psicopatológica e provoca o profissional a compreender formas de o ente à sua frente conviver com essa dinâmica que se apresenta em seu mundo-vivido. Karwowski (2015) compreende como objetivos da psicopatologia fenomenológica:

- a) generalizar a essência revelada sobre um caso único enquanto tal: mostrar que há em cada experiência mais do que o empirismo comum reconhece; b) clarificar (Klären) a experiência, psiquiátrica: torná-la transparente quanto à essência ou a isto que o psiquiatra sabe desde sempre, mas não sabe forçosamente que sabe; c) revelar a estrutura eidética que torna possível os estados psicopatológicos, não como causa, mas como condições de suas possibilidades; e d) suscitar uma unidade entre a pesquisa dos fatos e a busca das essências (p. 72).

Esclarece Tatossian (2006) que se, para fenomenologia, em um primeiro momento possa parecer indiferente a distinção entre normalidade e anormalidade, a consideração da norma é iminente a toda experiência fenomenológica. Para Minkowski (1965, 1966 apud Tatossian, 2006), é importante evidenciar que o fato psicopatológico é anormal em si mesmo, não fazendo menção a alguma norma estatística: “[...] se todos os homens fossem loucos, eles seriam loucos e a loucura não seria por isso mais normal” (p. 46). Mas ao considerar a suspensão de julgamento prévio frente a outrem, ao promover o mergulhar no mundo-vivido do sujeito à sua frente sem definições pré-estabelecidas, reitera que diante da dicotomia normal e anormal, seria necessário colocar uma fronteira entre patológico e humano e não entre patológico e normal.

Ao pensarmos em saúde, a filosofia não faz referência em algo especificamente de ordem orgânica, mas sim como o sujeito exerce sua liberdade - de escolher, ou não escolher - tendo a capacidade de responder aquilo que vem ao próprio encontro. Nesse sentido, saúde se

assemelha mais com o transcender de uma possibilidade restrita. Tenório (2003), define esse processo como um movimento de equilíbrio da relação eu/mundo, sendo esse movimento uma constituição recíproca.

Schneider (2009), pontua que ter um projeto de vida é uma condição essencial para alguém ser “sujeito do seu ser”, fazendo assim uma configuração saudável de existência. O projeto de vida se constrói a partir da história do sujeito, em que põe sua ação no mundo, também mediada pelo ser-no-mundo-junto-aos-outros, em que a trama de relações macrosociais e microsociais deve estar presente. Dessa forma, a saúde pode ser vista entre essas interações já que a vida procede de forma dialética, onde a ordem e desordem são etapas essenciais para um desenvolvimento do homem e do mundo (TENÓRIO, 2003).

Assim, nessa perspectiva, o impedimento desse projeto de ser do sujeito, revela uma liberdade que está enrijecida, fixada em uma restrição, fato qual pode ocorrer por diferentes vias “um corte no projeto, uma invalidação no projeto que leva à abdicação do mesmo, a não constituição de um projeto, entre outras formas.” (SCHNEIDER, 2009, p. 73) Isto explicitaria um fato psicopatológico, já que o indivíduo se vê impedido de alcançar um futuro, ficando preso na própria existência, fechando-se no horizonte das possibilidades.

Teixeira (1993) explica que a psicopatologia pode se manifestar por meio de uma experiência-vivida de sofrimento, onde o sujeito se vê vítima da própria existência e fica refém de uma não-liberdade, fadada a um destino funesto onde a existência é permeada pelo desprazer, impotência e um encurralamento existencial. O mesmo autor ressalta também que a fenomenologia perceber os modos de estar-doente como uma forma possível de ser-no-mundo, não sendo normais ou anormais em si, mas apenas formas de existir e entender o mundo circundante.

Costa e Ramos (2018), elencam modos de ser-doente na perspectiva fenomenológica, sendo esses modos:

- 1) Ser doente caracterizado por uma perturbação evidente da corporeidade do existir-humano;
- 2) Ser doente caracterizado por uma perturbação pronunciada da espacialidade do seu ser-no-mundo;
- 3) Modo do ser doente caracterizado por uma limitação da disposição própria à essência da pessoa; e
- 4) Modos de ser-doente concernentes a limitações na realização do ser-aberto e da liberdade. Ainda que cada um destes modos de ser-doente

faça referência a um existencial específico do Dasein, descrito em Ser e Tempo enquanto dimensões fundamentais do ser-aí formam todos juntos, uma estrutura total e indivisível. Assim, se um deles é perturbado em sua realização, as outras dimensões, como parte do todo, sofrerão igualmente as consequências (BOSS; CONDRAU, 1997, p. 179). (p. 256)

Explicitados a noção de saúde-doença e o que é considerado normal e patológico sob o ponto de vista fenomenológico-existencial, fez-se importante buscar o que os estudiosos da área de psicopatologia fenomenológica puderam discorrer e contribuir com seus estudos sobre a experiência maníaco-melancólica.

2.2 A fenomenologia do Transtorno Afetivo Bipolar

Sentimentos próprios de ser dasein, a tristeza ou a felicidade em seus variados tons, são inerentes à existência humana, podendo-se apresentar de diversas formas sem necessariamente ser considerado algo problemático. A questão da vivência de tais sentimentos se inicia quando suas intensidades geram sofrimento, restrição da liberdade e afastamento do mundo – o que acaba muitas vezes prejudicando a vida da pessoa que a vivência.

Compreender o mundo-vivido do ente que experiencia a mania e depressão, exige dissertar sobre os momentos constitutivos estruturais dos mundos melancólico e maníaco, caracterizando ambas as dinâmicas e as diferenciando. Esses dois mundos, apesar de serem descritos como diferentes, coexistem, logo, a separação entre eles neste tópico foi efetuada apenas para fins didáticos: “A mania e a melancolia constituem assim um todo, não porque elas se encontram nos dois polos de uma mesma série, mas porque, realmente, ambas repousam sobre uma idêntica subducção no domínio da sintonia normal” (TATOSSIAN, 2006, p. 148).

2.2.1 Experiência Melancólica

Tatossian (2006) aponta que o mundo depressivo retrata uma "experiência de emurchecimento e definhamento do vivido, da perda do frescor" (p. 113), denunciando um sofrimento sem fim, uma tristeza vital. Na melancolia, para a fenomenologia, é preciso investigar a experiência do que é a depressividade como fenômeno, sendo essa vista como uma inibição do devir, na qual o sujeito encontra-se em um estado de desaceleração e a tristeza é seu modo de ser global, estagnando-se em seu tempo interno, mudando a percepção de seu corpo e espaço em relação ao mundo.

Compreender a depressividade aparece como base constitutiva do que é o fenômeno da depressão, sendo que tal compreensão se dá por meio do vínculo da experiência vivida e das informações que foram dadas anteriormente a elas. Dessa maneira, ao olhar para tal fenômeno não devemos compreender o conteúdo material que o encerra, mas compreender o modo em que a depressão se manifesta no sujeito, sendo que essa engloba o vivido depressivo como modo de ser do sujeito sem esgotá-lo em si mesmo (SOUZA E MOREIRA, 2018 apud TATOSSIAN, 2006).

Tatossian (2006) diferencia a tristeza da tristeza melancólica. A tristeza é algo que comporta movimento, tendo começo, meio e fim no processo de existência, enquanto a tristeza melancólica não comporta movimento algum – está posta no existir. Dessa forma, o uso do termo melancolia para se referir à depressão bipolar faz-se propício para descrever a chamada fase depressiva, segundo os manuais diagnóstico CID-10 e DSM-V.

[...] o melancólico não “sofre”, assim como o maniaco não “goza”, como o homem sadio sofre e goza. O sofrimento melancólico não é comparável ao sofrimento natural, não apenas porque ele não tem objeto, porque está ausente, mas porque também é um sofrimento anormal, pervertido, deformado. (p. 117)

Ser melancólico salienta, fundamentalmente, uma angústia de não-poder-viver, já que distancia o sujeito do pensar, socializar, comer, trabalhar, amar e para além disso, tal dinâmica acaba enunciado de forma brutal esse não-poder e a incapacidade de alargar o vivido de si mesmo. Tal angústia gerada por tal circunstância pode modificar a relação com do sujeito perante a morte, já que ao não poder se livrar da melancolia a morte é sentida como uma libertação do sofrimento, sendo desejada pelo sujeito que a experiencia. O medo da morte e da finitude não é tanto temida em comparação a um homem “normal”. (TATOSSIAN, 2006, p. 128).

A temporalidade para o melancólico é considerada uma das temáticas centrais para compreender o mundo-vivido do sujeito, dado que na fase melancólica do paciente bipolar, há uma alteração da sua relação com o tempo-vivido. Segundo Moreira e Bloc (2012), há uma estagnação do tempo, de modo que o indivíduo fixa-se no passado na tentativa de alterá-lo.

Há um passado que não pode se dissipar e se faz sempre mais pesado e determinante, algo além de um simplismo de uma substituição do presente e futuro pelo passado. Não é um passado do homem normal, pois este passado perdeu toda significação, toda a historicidade, mas não deixa de se impor ao melancólico. A temporalidade melancólica, por estar fora de toda duração, é pura cronologia. O peso do passado se

manifesta como uma falta inapagável da progressão do futuro. Há uma dívida com o devir, o não-poder, a incapacidade de ação. (p. 447)

Dessa maneira, o tempo do indivíduo torna-se vazio, ao passo que a historicidade e cronologia dos acontecimentos tornam-se inviáveis mediante esse enrijecimento temporal - “[...] como se o futuro e o presente estivessem presos ao passado, não havendo possibilidade de atualização” (MOREIRA E BLOC, 2012, p. 447). Essa condição faz com que o sujeito se distancie de sua autenticidade, ficando restrito em sua existência, rendendo-se, assim, a uma passividade instaurada.

Como exposto anteriormente, a estagnação de seu tempo-vivido provoca sofrimento no ser-aí, não apenas pelo fato da falta de perspectiva de presente e futura e estagnação do devir, mas também pelo fato de que o sujeito se encontra no mundo real, onde a passagem do tempo do mundo não parou, evidenciando assim sua imobilidade perante a existência. Assim, na experiência melancólica, o mundo exterior e a forma como se temporaliza provocam contextos insuportáveis, sendo um sofrimento que se arrasta na experiência do sujeito em tal modo-de-ser (APARECIDO, CORRÊA E UGA, 2010 apud TATOSSIAN, 2006).

Ao nos voltarmos para a dimensão existencial da corporeidade do mundo melancólico, é possível notar uma perda da projeção do corpo no mundo, já que o *dasein* se corpora de uma forma estática, podendo não se sentir pertencente. Dessa maneira, o vivido corporal do melancólico pode ser visto como um corpo-portador, ou como que não pode ser outra coisa para além de peso e carga insustentável (LEITE E MOREIRA, 2019). Seu corpo fica com a comunicação corporal que deveria ser contínua, prejudicada, tendo a relação dialética entre corpo como função de suporte e carga, destruída.

Nesta perspectiva, perde-se a noção de fluxo contínuo no vivido corporal e a experiência constante de peso não dá lugar à afetividade, que se aniquila ou se torna estranha para o sujeito. Carregar o peso do próprio corpo, de forma constante e ininterrupta, faz com que o melancólico leve o mundo, a identidade e os papéis sociais a eles atribuídos, a sério demais, sem considerar a sua própria subjetividade como liberdade. (LEITE E MOREIRA, 2019, p. 52-53)

A união do corpo sujeito e do corpo objeto, fica prejudicada (Merleau-Ponty, 1945), não dando espaço para afetividade emergir, ao ponto que há um anestesiamiento do existir, prejudicando sua relação com o outro pela perda de confiança, já os processos mediados pelo corpo ficam prejudicados, inibindo as possibilidades de devir, havendo na depressão uma dificuldade de se colocar no mundo como corpo objeto. (TATOSSIAN, 2006). Esse

alinhamento com o corpo sujeito faz com que o peso do corpo se torne insustentável, e ao ponto que o corpo é algo extremamente demandante, assim, o espaço se esvazia.

Segundo Tatossian (2006), acerca da espacialidade melancólica, a proximidade existencial com as coisas vai aos poucos sumindo, e com a perda de tal proximidade a utilidade das mesmas também se distancia. “As coisas são apreendidas como isoladas, sem envio intencional à totalidade” (p. 133). Assim, há um distanciamento do indivíduo, vivido como uma perda da profundidade espacial, fazendo com que o mundo se mostre ao sujeito de forma distante e inalcançável.

O mundo não se abre mais como vasta extensão, mas como vazio, enquanto o corpo próprio, normalmente “passado em silêncio”, para se impor ao sujeito não lhe escapa menos porque aparece como simples superfície bidimensional, acessível somente ao tato. (TATOSSIAN, 2006, p. 134)

Assim, o contato vital com o mundo vai se perdendo e dispersando, já que nada basta, nada é suficiente – o ser-aí tem extrema dificuldade de se relaciona com as coisas, seja no campo sensorial, seja no campo afetivo.

2.2.2 Experiência Maníaca

Ao voltar-se para o mundo maníaco, a fuga de ideias, comportamentos expansivos, hipersexualização, ampla disposição e outras características descritas nos manuais diagnósticos CID-10 e DSM-V são comuns, sendo esses modos de ser-no-mundo hiper volatilizados. Tal modo-de-estar-no-mundo forma uma antítese ao mundo melancólico aqui antes exposto. O que antes foi descrito como um corpo pesado, um espaço vazio e um tempo estagnado no passado, agora na fase maníaca se mostra completamente diferente. Dinâmicas permeadas por uma aceleração, iluminação das possibilidades e desinibição se tornam os temas centrais.

Apesar de uma afetividade que aparece como positiva, ela denuncia uma falta, já que o mundo maníaco é vivido como algo falsamente rico, por estar em um mundo indiferenciado. Tal mundo não abarca o Outrem verdadeiro, e a excitação, expansão e alegria maníaca acaba sendo solidão total - sofrimento (TATOSSIAN, 2006). Assim, a alegria maníaca pode ser observada com um dever-se-alegrar, já que não há possibilidade outra para além da manifestação maníaca, onde o ser-si-mesmo-próprio fica impedido de se manifestar.

[...] a alegria maníaca não seja mais comparável com a alegria normal do que o sofrimento melancólico ao nosso: a exploração do maníaco

curado sugere durante esta fase um dever-e-alegrar, ao mesmo tempo, que um não-poder-se-alegrar, experimentado em profundidade como sofrimento infinito durante a mania mesma. (TATOSSIAN, 2006, p. 144)

Dessa maneira, fica claro que a alegria e euforia maníaca não comporta a realidade, onde o sujeito é compelido a senti-la, não fazendo jus a sua própria vontade e autenticidade já que sua percepção de tempo, corpo e espaço está alterada por consequência de experienciar tal condição. Tatossian (2006) reitera a importância de irmos além da afetividade e do comportamento psicomotor para compreendermos o fenômeno da mania, sendo essencial observarmos os existenciais acima citados.

Ao voltar-se para as alterações do tempo vivido na mania, é possível observar que diferente da melancólica que se fixa no passado, o sujeito fixa-se no presente, vivendo uma série de presenças isoladas em que não comporta o passado nem o futuro, explodindo sua biografia e vivendo uma série de presenças isoladas descoladas da realidade (MOREIRA, BLOC, 2012). Dessa forma, o indivíduo não consegue manter sua relação com meio ao ponto que vive apenas instantes, não constituindo um presente de fato.

Então, não é a história de vida, a biografia, nem uma série de retenções ou horizonte de protensões que motiva suas ações. Ele é levado por uma ideia puramente presente, situada de fora do contexto biográfico, sem determinantes temporais, capaz de transformar sua organização doméstica em um caos. Suas protensões são vazias, sem sentido justamente pela ausência retencional; ocorre uma ideia sem significação, puramente momentânea por não ter nenhuma motivação na constituição temporal. (MOREIRA, BLOC, 2012, p. 448)

Dessa forma, o desdobramento de tempo não ocorre, sendo seu contato com o mundo limitado apenas ao agora - o presente imediato. Isso pode configurar uma dinâmica inautêntica e permeada por uma impessoalidade por conta da falta de um presente e possibilidade futura guiando suas decisões, onde sua biografia se torna inacessível. Seus contatos com o mundo são sem apropriação do vivido, o mundo não tem lugar para o outro sem a apropriação da própria história e consistência do existir - perdido com a temporalidade modificada (APARECIDO, CORRÊA E UGA, 2010 apud TATOSSIAN, 2006).

Ao nos voltarmos ao corpo maníaco, pode-se notar o fluxo maníaco como um devir involuntário que transborda, desapossado de seu corpo e privando o indivíduo da consistência. Há uma expansão de seu corpo, onde a onipotência e apropriação do existir denuncia uma euforia, muitas vezes experimentada por uma sensação de poder voar ou flutuar (FUCHS, 2014,

p. 411). Como na melancolia, há uma perda da projeção da corporeidade no mundo. Tatossian (2006) aponta que na mania, essa projeção não acontece em uma direção, ele está sendo direcionado para vários locais ao mesmo tempo - direções múltiplas - , como se seu corpo não o pertencesse, já que deixa com que as coisas o dominem, não chegando a um encontro.

Na mundanização maníaca, “o ser-corpo não mantém mais uma posição prospectiva quanto ao objeto, não comporta um ‘aqui’ para um ‘ali’”, o maníaco é continuamente agarrado por um leque infinito de reenvios, sempre atuais, fugazes e intercambiáveis. Pode-se dizer que o maníaco é desapossado de seu corpo que permanece na total disposição das coisas que o agarram (p. 146-147).

Desta forma, o corpo demonstra ter perdido a própria liberdade de direcionamento, não podendo parar de tomar certas atitudes, mostrando uma liberdade restringida já que não se pode optar por como se relacionar com o meio, agindo impulsivamente aos estímulos recebidos pelo mundo, sem coerência ou possibilidade de reflexão diante do encontro com o seu redor (FUCHS, 2014, p. 411).

Como consequência de tal expansividade do corpo, a noção de espacialidade também é afetada, já que seu espaço se torna ilimitado e seu self é exteriorizado ao mundo de uma forma sem limites. Tatossian (2006) disserta que, segundo Binswanger, o espaço passa por um grande alargamento, convertendo-se em infinito, rápido e completamente alcançável para o indivíduo. “O mundo é muito pequeno para esse ser em expansão [...] e as distâncias se tornam menores” (BINSWANGER, 1964, p. 132, tradução nossa)¹. Tal desproporção espacial também acaba configurando um cenário de amplo sofrimento, já que a percepção do espaço ao redor se mostra desproporcional ao que a facticidade do mundo apresenta.

A existência inconstante do paciente bipolar juntamente com as consequências dessa dinâmica - alteração temporal, histórica, espacial e corporal no mundo-vivido do indivíduo - desdobram, muitas vezes, em um assujeitamento em que a autenticidade é dificilmente vivida. Virgínia e Bloc (2012) deixam claro que, apesar das aparentes diferenças entre as fases melancólica e maníaca, ambas possuem forte ligação, uma podendo dizer muito sobre a outra, uma vez que compartilham a tristeza e a falta. Ainda que possa parecer didaticamente simples a separação de ambas as polaridades, ao estudar a bipolaridade, iremos ao encontro de um único mundo-vivido com dimensões inseparáveis.

¹ Do original em inglês: “*the world is too small for this being in expansion [...] and distances become smaller*”.

Portanto, faz-se importante observar e dissertar sobre tal transtorno com cuidado e cautela, já que recair em rotulações positivistas torna-se comum e, por muitas vezes, considerando minha experiência no ambiente psiquiátrico, acaba infringindo maior sofrimento ao indivíduo. Ao considerar uma dinâmica em que espaço, tempo e corpo flutuam entre polaridades, agregada a uma existência permeada por tais rótulos, o sujeito com diagnóstico bipolar, na maioria das vezes, acata-os e acolhe-os, diminuindo sua possibilidade de ser-no-mundo de uma forma distinta da bipolar.

CAPÍTULO III: Metodologia

A pesquisa em fenomenologia tem como característica principal o estudo do fenômeno humano, com enfoque na análise dos múltiplos modos de ser do homem no mundo. Logo, investiga a existência em essência e faz com que o olhar para o mundo-vivido seja indispensável para o procedimento metodológico (RIBEIRO JUNIOR, 2003). Assim, a compreensão de um sintoma ou comportamento vem a partir de tal desvelamento de sentidos, não sendo necessariamente o ponto central a questão diagnóstica.

Nesta direção, o objetivo deste trabalho de conclusão de curso foi o de refletir, à luz dos conceitos da fenomenologia hermenêutica apresentados na obra escrita por Martin Heidegger chamada *Ser e Tempo* (1927), juntamente com as contribuições fornecidas pelos estudos da psicopatologia fenomenológica, os modos-de-ser de Lexi, personagem principal do capítulo três da série “Amor Moderno” (2019/2022), intitulado “Me Aceita como Eu Sou, Quem Quer que Eu Seja”. A escolha deste episódio e desta personagem deveu-se ao tema associado ao Transtorno Bipolar.

Amor Moderno é uma série de televisão americana estreada em 18 de outubro de 2019 na plataforma Amazon Prime Video, dirigida por John Carney. A série contém duas temporadas totalizando 18 episódios, tendo cada episódio de 29 a 35 minutos de duração. As histórias contadas nas séries foram baseadas em fatos reais contadas em uma coluna semanal publicada pelo jornal *The New York Times*.

As histórias dos episódios demonstram as diversas formas de expressão de amor do mundo moderno, aproximando as histórias vividas das colunas publicadas pelo jornal com uma pitada de fantasia, tocando em assuntos profundos que todos, de alguma forma, já passamos. Para além do amor, muitas diversas pautas são tocadas em cada um dos episódios, permeando relações interpessoais como saúde mental, relações homoafetivas, relacionamentos na terceira idade, entre outros temas.

O episódio três da primeira temporada de Amor Moderno intitulado *Me Aceita como Eu Sou, Quem Quer que Eu Seja* foi escolhido para ser o objeto de análise dessa presente pesquisa. Conforme sinopse (ANEXO I) o episódio se passa em Nova York, e tem como protagonista a atriz Anne Hathaway, que vive a personagem chamada Lexi, uma advogada bem-sucedida do ramo de entretenimento, com o diagnóstico de Transtorno Afetivo Bipolar.

Neste sentido e direção, o episódio da série em questão foi assistido diversas vezes, e algumas cenas de interação da personagem principal com seu mundo vivido foram escolhidas e descritas. (ANEXO II). Os trechos que versaram sobre Lexi e sua percepção de si-mesma, sua relação com o mundo e com os outros, foram analisados considerando os aspectos teóricos presentes neste trabalho.

Ao buscar revelar sentidos (sinn = rumo, direção do existir) da personagem que direcionaram suas ações, este trabalho pretendeu realizar uma hermenêutica acerca da história da personagem. Lexi foi compreendida como um Dasein (ser-aí), onde sua relação com seu mundo, assim como a relação com si mesmo e com os outros se fizeram presentes. Ao discorrer sobre os possíveis sentidos que orientam a vida de Lexi e ao propor um exercício reflexivo sobre como a personagem experiencia seu transtorno existencial e se relaciona com tal, busquei compreender a existência da personagem a partir dos conceitos já estudados neste trabalho.

Isto dito, reitera Romero (1997) que a investigação fenomenológica deve ser feita com base nas oito dimensões fundamentais do ser humano, a saber: dimensão ontológica do homem como ser-no-mundo, dimensão social e interpessoal, dimensão da práxis, dimensão corporal, dimensão motivacional, dimensão afetiva, dimensão espaço-temporal e dimensão axiológica (valores inerentes à existência social e individual). Ao entrar em contato com tais dimensões, e fazendo uso do método fenomenológico, será possível tirar conclusões para além das pré-descrições feitas pelos manuais diagnósticos, incluindo o sentido e significado do sintoma para o sujeito (SCHNEIDER, 2009).

Foi feita revisão de produções acadêmico-científicas que versavam sobre a psicopatologia fenomenológica existencial realizada nas bases de dados Scielo, Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), Biblioteca do Campus Monte Alegre da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), dissertações de mestrado e doutorado e acervo próprio da pesquisadora, além da leitura das obras clássicas fundantes da fenomenologia hermenêutica e de comentadores de tais obras.

Na discussão reflexiva, buscou-se compreender os modos-de-ser de Lexi a partir da fenomenologia existencial, apresentada por Martin Heidegger em sua obra *Ser e Tempo* (2012), fazendo uma análise ontológica da personagem e também enriquecendo tal discussão ao adicionar as contribuições dos teóricos sobre a psicopatologia fenomenológica. Foi possível tecer reflexões acerca do existencial ser-para-morte, corpo – nojo, tempo, algumas implicações

sobre a aderência ao tratamento e a importância da confiança em todo o processo da personagem.

DISCUSSÃO

“Quem sou eu? Sou uma pessoa difícil de descrever.” (1m40s).

O episódio escolhido inicia com a protagonista, Lexi, questionando-se sobre sua existência e buscando compreender ou achar uma definição a respeito de si mesma. Ela rememora um dia em que acordou sentindo-se brilhante e por isto optou por ir ao supermercado com uma blusa de lantejoulas, sendo, em suas palavras, a ocasião certa para usá-las, já que havia combinado com seu humor. Estava embelezada, maquiada, bem-vestida e foi comparada, por outro personagem da cena, com uma atriz de cinema chamada Rita Hayworth. Apesar da empolgação ao relatar sobre sua ida ao supermercado, termina dizendo: *“Eu estava de muito bom humor. O que é meio que um problema.” (02m42s)*

Nesta sua ida ao supermercado avistou um jovem, chamado Jeff, que se encantou por ela. Após um breve diálogo com o rapaz em tom de flerte, Jeff a questiona se estava bem, já que parecia um pouco agitada. Lexi responde: *“Pode ser o tapa que dei na coca hoje de manhã. Brincadeira. É que estou há algumas noites sem dormir. Três noites.” (04m50s)*. Apesar do estranhamento de Jeff, continuaram um diálogo e após elogiar Lexi, ele recebe, de forma inesperada, um impulsivo um *“Eu te amo!”* da parte dela (05m39s). Ao verbalizar tal declaração, ela própria se mostra constrangida, logo desconversa sobre ter se declarado para um homem que acabou de conhecer. Ao se direcionar para fora do supermercado, convida Jeff para ir a um café, fazendo com que Jeff se atrase para o trabalho. O encontro se mostra bem sucedido, Lexi sempre com um sorriso no rosto, fazendo piadas, interagindo radiantemente com o recém-conhecido. Marcam de se ver depois.

Neste pequeno recorte é possível notar que a própria Lexi descreve esse seu bom humor com um tom de preocupação. Aparentemente essa felicidade não vem de uma forma autêntica, mas sim por estar experienciando a mania. Chama a atenção a extravagância da personagem ao sair para o supermercado. Ela se sentia brilhante, estava bem maquiada, parecendo uma atriz de cinema. O sentido de tal exuberância me chama mais atenção. Pode ser percebido como uma tentativa de mascarar sua condição de finitude, ao estar experienciando a mania. Lexi não se mostra aberta para lidar com as condições ontológicas dela, a condição de ser-para-morte, que é o limite, o fim, e a possibilidade do fim sempre presente.

A falta de sono de Lexi, que está a três dias sem dormir, também chama atenção. Seu sono não se anuncia, seu corpo não se impõe como limitação ou como necessário

contorno/repouso de sua existência. A relação com a sua corporeidade mostra-se sobre-humana. Um corpo que transcende as limitações, não erra, é perfeito, pode tudo, não envelhece e conseqüentemente não morre. Lexi se sente imortal e vive como uma pessoa que não irá morrer. O fim não existe para pessoa que está vivenciando a mania, o que acarreta um não limite ao se relacionar com os outros, onde tal modo da mania se expressar pode ser considerado comumente como inadequação de comportamento. Pessoas em mania passam de vários limites na relação com os outros, perdem a paciência com eles uma vez que não concebem a ideia de limite, não estão abertos a conceber essa noção de finitude que é a deles.

Nesse particular, vale retomar a noção de ser-para-morte apresentada no primeiro capítulo deste trabalho. Cardinali (2015) comenta que tal noção é vista como a possibilidade mais radical da existência humana, já que certamente teremos que lidar com o fim. Entrar em contato com sua finitude é algo angustiante, que enfatiza nossa precariedade. Lexi articula diversas formas para não entrar em contato com a angústia de sua limitação e imperfeição, mostrando-se para os outros apenas quando a angústia de sua precariedade não se mostra a ela, ou seja, nos momentos em que experiencia a mania.

Pensando nessa dinâmica que evidencia uma perda da noção de finitude, vale resgatar a contribuição de Holzey-Kunz (2018) sobre as inclusões ontológicas na corporeidade, sendo que a que mais fica evidente em Lexi é o nojo, muito pouco observado na narrativa de sua história. A autora diz que o sentimento de nojo remete a uma carnalidade do corpo que é o nosso, do próprio definhamento do corpo vivo. Nosso corpo para além de um instrumento também é pura carne, e apodrece, degenera – nos fazendo entrar em contato com a nossa finitude e caminhada em direção a morte. Assim, no nojo há uma recusa do que foi acometido pelo passar do tempo e que sofre o mesmo destino que nós, sendo uma recusa de nossa própria condição, pois por sermos *dasein*, também somos ser-para-morte, e em alguma medida, ao olhar para algo acometido pelo tempo, remetemos ao nosso próprio destino finito.

Isto significa que todo o sentimento de nojo, para onde quer que ele venha a se dirigir, nos remete para pura carnalidade e, com isto, para a caducidade do próprio corpo vivo. Caso se compreenda o corpo como experiência originária do próprio corpo, então se torna plausível a hipótese de que todos os esforços, que são investidos na estilização, no adorno e no embelezamento do corpo, representam tentativas de escapar da experiência do nojo. (p. 95-96)

Lexi, ao experienciar o estado de mania, nega sua finitude e acaba passando por uma experiência de total potência, na qual não é atravessada por nenhum limite da existência, não

entra em contato com o nojo. Caso os limites do corpo se imponham, ela consegue ultrapassar a todos eles. Dessa maneira, a personagem acaba renegando seu corpo como tendo um fim, um limite. Seu corpo não apodrece, não tem uma decrepitude, sua mente a permite, na fantasia ou na negação ir além de certos limites fáticos. Até em seu embelezamento extremo isso pode ser visto, ao ponto de também ser uma tentativa de negar a experiência do nojo ao estar experienciando a mania.

Lexi se apresenta, até dado momento, como alguém radiante, feliz, maravilhosa. Entretanto, vale retomar o que Tatossian (2006) discorre sobre a alegria maníaca. No externo, a afetividade aparece como algo positivo, porém justamente por estar experienciando um mundo indiferenciado, a riqueza de tal experiência se mostra como algo falsamente rico, já que não comporta a realidade fática. Assim, tal alegria se mostra como um dever-se-alegrar, onde a autenticidade da experiência se dissolve, e como visto durante o decorrer do episódio, tal felicidade acaba se mostrando como algo passível de sofrimento, que promove uma existência solitária e esvaziada.

Em dado momento em sua ida ao mercado, uma cena de performance musical se inicia, onde Lexi é a protagonista, e as outras pessoas que estão no supermercado fazem parte de sua performance, a acompanham, na sua imaginação. Sobre esta cena é possível pensar na relação dela com o outro. Ao imaginar a companhia desejada, como extensão dela mesma, o outro não existe. Eles apenas dançam a música em um ritmo em que ela está imaginando. Se pensarmos que ritmo é tempo, isso quer dizer que todos estão no ritmo de Lexi, extensão do seu desejo que interfere na sua percepção. No horizonte de Lexi não existe o outro enquanto essa pessoa que ela não controla, que é imprevisível, que pensa coisas sobre ela que ela não sabe, que tem uma certa liberdade que ela não domina. Não existe o tempo do outro, a passada do outro, todos estão no tempo e ritmo de Lexi.

Em outro momento do episódio, Lexi está em seu trabalho e Sylvia, uma colega, lhe avisa que ela está faltando muito ao trabalho, cerca de quatro dias dos vinte que trabalha ao mês. Lexi, ao ser alertada, responde que tem síndrome de intestino irritado, justificando suas faltas com isso, se esquivando da verdade (09m32s). A questão da temporalidade se evidencia novamente, já que a personagem apresenta uma dificuldade de respeitar o tempo do cotidiano, o ritmo dos outros, o tempo que rege ela é o seu tempo interno, onde falta em seu trabalho sem pensar nas consequências de tais atos, onde novamente, no tardar do episódio acaba sendo demitida por se ausentar de forma injustificada e reiterada.

Vale pontuar que Lexi é uma advogada na área de entretenimento, o que curiosamente faz sentido já que podemos entender o entretenimento como uma distração, principalmente, de si-mesmo e tudo aquilo que envolve ser si-mesmo. Nada mais condizente com a dinâmica existencial da personagem se direcionar a esse tipo de profissão, que defende literalmente o direito das pessoas se distraírem, entreterem.

Ainda no mesmo dia, após a cena do supermercado e do trabalho, Lexi chega em casa e vai em direção a cama, ficando um bom tempo lá, de luzes apagadas com uma feição abalada. Percebemos que algo está mudado na personagem. Em seguida, ela diz: *"É aí que o problema aparece. Eu não sei qual é o gatilho. Açúcar no sangue? Químico? Psicológico? Quem sabe? Mas vem como um monstro de filme antigo em preto e branco e não importa o quanto você corra, ele continua com você. E só existe um lugar que ele não consegue te encontrar [cama]"* (10m53s). Nesta cena, Lexi demonstra extremo sofrimento perante o descontrole sobre essa tristeza que emerge, já que ao descrever tal sentimento relata uma falta de possibilidades de ação ou mudança de seu estado, já que, na visão de Lexi, é uma situação em que não há saída.

Até agora nos foi apresentada uma versão de Lexi experienciando a mania, mas a partir do momento descrito acima uma nova experiência é adicionada – a da depressão. Uma das questões principais da mania é que ela é insustentável. Viver a vida de forma intensa, concentrada, permeada por uma potência, uma expansividade, sem sono durante 100% do tempo é insustentável. Nosso corpo impõe limites a toda essa liberação de energia, uma hora ela se exaure, acaba. Lexi tenta lutar contra seus próprios limites e também pelos impostos pela vida cotidiana e a sua própria condição de Dasein. Deseja permanecer em mania, mas é acometida em algum momento por uma lentificação e tristeza profunda.

Casanova (2021) diz que condições fáticas são aquilo que quanto mais tentamos provar que não existem, mais se reforçam, se enfatizam. Isso pode ser visto em Lexi, que quanto mais tenta provar que é infinita e irrestrita - tentando se convencer a todo tempo que ela pode tudo, mais finita se mostra ao experienciar a depressão – onde nada é possível. Para Lexi, a experiência depressiva é vivida de forma intensa, na qual se mostra finitude pura. Não consegue sair da cama, sente-se totalmente impotente. Fica frente a frente com a sua condição de finita e restrita, fechando-se para as possibilidades e vivendo à mercê das mudanças de seu humor.

Tal conjuntura evidencia uma angústia de não-poder-viver, Lexi não sai de sua cama, não vai ao trabalho, não se relaciona, não vive sua vida. Tatossian (2006) enfatiza que este sentido de não-poder, a incapacidade de alargar as possibilidades do vivido, termina por acarretar uma diferente relação com sua finitude ôntica, já que ao se deparar com um cenário amplamente angustiante e sem saída, a morte pode ser significada como uma libertação deste sofrimento. A temporalidade da experiência depressiva também acaba corroborando para tal contexto, já que Lexi ao estar neste momento, mostra-se enrijecida temporalmente, não há espaço para nenhum movimento, o futuro e presente se mostram agarrados em um passado, não havendo possibilidade de manejo das situações diante disto. Apesar de Lexi não tocar no assunto de suicídio, é importante comentar sobre já que pessoas que convivem com tal dinâmica tem altas taxas de tentativas de suicídio e, ao vivenciar tal contexto de amplo sofrimento, a morte pode acabar vindo como uma libertação deste sofrimento infindável.

Tal dinâmica existencial vai se clarificando à medida em que Lexi conta sua história desde sua adolescência. Lexi diz que em um primeiro momento de sentia doente, onde ficou cerca de 21 dias deitada, e que não sabia como lidar com tal fato. Dessa maneira, ao invés de pedir algum auxílio à família ou amigos, começou a lidar com tal situação de maneira solitária. Seus picos de energia compensavam a sua falta com intensa produtividade: *“Assim eu podia perder 50% do ano, porque era brilhante na outra metade.”* (16m38).

Foi levando a vida da forma que conseguia, entrando em uma ótima faculdade de direito e posteriormente nos melhores escritórios de advocacia de Nova York entre suas ausências e picos de energia. Porém, essa dinâmica que Lexi sustentou e buscou equilibrar durante a vida acarretou uma série de demissões. Ela não conseguia se manter por muito tempo em um único trabalho, já que, o olhar do outro terminava por ser implacável. Em suas palavras: *“Até que, um por um, todos perceberam que meu olho clínico, trabalhando até tarde da noite em um caso, era simplesmente para compensar os dias que eu faltava.”* (16m50s).

Lexi pareceu viver sua vida apenas ao experienciar o estado de mania. Ao não manter continuidade nas coisas que fez e faz, sua existência se assemelha a uma colcha de retalhos. Faz de tudo e mais um pouco quando encontra-se energizada e se ausenta ao experienciar a depressão. Ter esses picos de energia podem ser bons para certas coisas, mas em um mundo social com regras e normas, rotina e continuidade são imprescindíveis. Lexi não consegue levar nada até o fim, já que a explosão de energia e produtividade maníaca não assume um sentido (como direção), não a leva a lugar nenhum.

Vale resgatar os apontamentos de Fuchs (2014), ao dissertar que o fluxo maníaco se apresenta como um devir involuntário, onde o corpo se mostra desapossado, onde a consistência no existir não tem espaço. É como se seu corpo não pertencesse, não comportando a facticidade e limites do mundo, sendo uma expansão sem limites. Tal dinâmica pode ser vista em Lexi, e também em muitas outras pessoas que vivenciam tal condição, onde as alternâncias de humor acabam enviesando as formas de se relacionar com o mundo, acarretando uma descontinuidade que prejudica suas relações, restringindo sua liberdade já que não se relaciona com o mundo com consistência que as determinações estabelecidas pelo cotidiano. Esse não pertencimento, segundo Tatossian (2006), pode ser visto já que o corpo aparenta ter perdido a própria liberdade de direcionamento, indo para onde lhe convém de forma “arbitraria”, com uma impulsividade que é desapossada da realidade.

Holzey-Kunz (2018) comenta que a negação da temporalidade, onde só há o presente, acabam não entrando em contato com o peso do início e nem com o fim futuro mostra a precariedade do que é ser humano: a fragilidade de não poder ter trazido a própria vida e a fragilidade de não poder contornar o próprio fim – não tendo assim uma integração de sua biografia e por consequência uma falta de sentido do fazer no presente. Assim, felicidade que se mostra por meio da negação da temporalidade é uma experiência vazia, já que por mais intenso que o momento presente se mostra, os rastros são pouco vistos, já que a noção temporal está sendo renegada.

Lexi menciona que procurou tratamentos em psicanalistas, análises, terapias de eletrochoque, cognitivo-comportamental e até uso de medicamentos desde que seu conta de seus sintomas e dinâmica existencial, porém ainda demonstra insatisfação sobre sua situação de vida, suas interrupções ou instabilidades de humor, de trabalho e relacionamentos. Mesmo buscando tratamentos eles não auxiliaram a reequilibrar sua dinâmica, cabendo a ela e seus recursos improvisado, possíveis e limitados, o desafio de manter todas as pessoas ao redor – chefes, parentes e amigos - em contato apenas com sua versão que, do seu ponto de vista, impressionaria ou tornaria sua vida mais funcional.

Pode-se pensar que a protagonista só consegue considerar o viver ou a vida em uma condição de absoluta potência na qual seus limites e incapacidades não existem. Lexi enfatiza que entra em contato com o outro apenas quando “impressiona”. Acaba assim, vivendo na ilusória garantia de que tudo é possível, evitando o peso da falta de certezas e das limitações inerentes a existência. Lexi só se sente segura para se mostrar e interagir com o outro em uma

posição de perfeição ou de certezas. Fora desta posição, Lexi teme que as pessoas com as quais se relaciona irão desgostar dela, não a reconhecendo como aquela que pode tudo, que tudo faz tudo e que é tudo.

Segundo Heidegger (2012), o Dasein nunca é sozinho, sempre é ser-com-os-outros, sendo um dos fundamentos ontológicos do ser-aí. E as inseguranças advindas da troca com o outro aparentam ter peso em Lexi, que opta por se relacionar quando está permeada por uma certeza da perfeição. Não há formas de controlar o que o outro pensa sobre você, o outro é livre, pensa e faz o que bem entender – tal conjunta angústia, já que não conseguimos controlar o Outro e sua forma de se expressar e compreender as coisas.

[...] no fato de o outro aparecer também já reside o fato de que ele se subtraiu completa e fundamentalmente à minha disposição e controle. Em verdade, os homens, com os quais lidamos, agem na maioria das vezes de acordo com expectativas e, com isto, de maneira também previsível – mas suas ações nunca são certas, uma vez que o outro enquanto sujeito tem por princípio a liberdade de se comportar de maneira diversa da esperada. [...] Neste ponto reside um poder angustiante do outro como outro, o poder justamente de me ver e de me julgar do modo como lhe aprouver, fazendo sua própria imagem de mim (HOLZHEY-KUNZ, 2018, p. 105-106).

Nesta temática se faz importante fazer alguns comentários sobre a difícil aderência ao tratamento das pessoas que experienciam a bipolaridade. Em Lexi, e em minha experiência pessoal, e várias outras pessoas que passam pelas mesmas dinâmicas a mania é algo bom, um momento esperado. Existir no cotidiano demanda muito esforço, podemos em um dia passar por diversas experiências que nos desgastam, nos concentrar, andar, conversar com os outros, se expressar – e para a pessoa que experiencia a mania tudo isso fica fácil, simples, sem empecilhos, flui e faz as atividades ininterruptamente sem nenhum esforço.

Logo, quando é medicado, não passa mais por episódios depressivos graves, mas também não entra em contato com a experiência maníaca, algo que muitos sentem falta. Quem não gostaria de estar experienciando a mania todo o tempo? Tudo é fácil e rápido, o peso do cotidiano não se mostra, não existem limites. Assim, a depressão vira esse momento de recuperação para voltar para mania. Ou ela está em mania, ou ela está esperando a mania.

Ao pensar nisso, faz sentido a dificuldade em aderir ao tratamento, pois entrar em contato com a condição de imperfeição e finitude é duro, angústia. Existir é sofrimento. E o ser-aí cria diversas formas de não entrar em contato com a angústia, por meio de mergulhar na impessoalidade da existência, como dito no primeiro capítulo deste trabalho. Penso se por até

ter passado por tantos profissionais de diversas áreas para tentar uma solução para sua questão, tenha se apegado ao rotulo, restringindo a sua existência a seu diagnóstico e o usando como meio para fugir das responsabilidades que é ser Dasein. Se ela É bipolar, não ESTÁ, acabando se restringindo, não se abrindo para outras possibilidades de ser si-mesma.

Lexi ao contar sua história mostra-se numa posição de restrição, passividade, já que diz *“Foi isso que minha vida se tornou. E ninguém sabia quem eu era, mas quando as oscilações finalmente passavam eu conseguia lidar com isso.”* (16m38) Assim, ao fim de seu relato, passa a mensagem de que apesar de tentar ir vivendo em meio as suas oscilações o resultado não era satisfatório, pois no final acaba lidando sozinha e não conseguindo se mostrar de forma autêntica para os outros.

Após o relato de sua história, com o passar do tempo e a alegria da vida anda voltando aos poucos, Lexi se vê encantada pelo mundo novamente e se sente disposta a viver sua vida e a sair de sua cama - *“Uma manhã perfeita. Pássaros cantando na minha janela, o cheiro de grama fresca sendo cortada.”* (19m00) Ao se dar conta de tal momento, lembra imediatamente de Jeff e liga para ele, mesmo sendo seis horas da manhã, chamando-o para sair. Estava claramente desesperada e queria marcar o encontro o quanto antes, pois não sabia quando entraria na fase depressiva novamente. Durante todo o dia Lexi fica se preparando para encontrá-lo, arruma a casa que antes de seu pico de energia estava completamente abandonada, se arruma, faz janta – preparando tudo para a chegada do parceiro.

Em certo momento, perto da hora do encontro marcado, seu estado, que antes era animado para o encontro com Jeff, foi mudando repentinamente, chegando ao ponto de Lexi desabar no chão sem conseguir atender o interfone para receber o rapaz em sua casa. Nesse momento, desaba em choro.

Após permanecer um tempo neste estado, foi se direcionando na cama e pensando sobre sua vida, deparando-se com a solidão - *“Aí está o silencio. O silencio doentio de outro homem saindo da minha vida, até mesmo antes de passar pela porta de entrada. Um silencio da minha própria criação. Como uma mãe louca e violenta enxotando os adolescentes da porta enquanto a filha está trancada lá em cima. Ele teria ficado? Jeff, se ele soubesse?”* (25m33s).

O episódio da série não detalha as relações familiares de Lexi, mas é possível inferir que ela pode não ter tido a infância mais acolhedora do mundo. Como será que Lexi foi compreendendo a vida? Isso pode ter tido influência na forma dela se relacionar com o outro e

o quanto ela suporta essa relação, podendo estar ligada a uma mãe violenta, a um início de se relacionar com os outros traumáticos, o que pode ter levado a uma tendência a se distanciar daquilo que não controla, que envolve impotência e a liberdade do outro – assim, opta por se relacionar com os outros apenas quando essas inseguranças estão suspensas.

Indaga sobre o que poderia ter sido feito para o rapaz permanecer em sua vida, teria outro caminho para além da solidão? Ele permaneceria em sua vida se no primeiro momento que se conhecessem ela o comunicasse do seu jeito de ser, ele voltaria? - "Se eu tivesse aberto o jogo naquele dia do supermercado dizendo *"Ah, a propósito, eu sou bipolar, mas estou me tratando, tudo bem?"* Ele teria corrido para a sessão de congelados com um *"tudo bem!"* e um sorriso educado?" (26m02s)

Até o momento, Lexi aceitava o modo que andava lidando com a vida, aparecendo na mania e se ausentando na depressão. Porém começa a se questionar sobre a possibilidade de se abrir para pessoas: até agora ela apenas suportava o peso de se relacionar com o outro quando ela estava convencida que ela era perfeita e impossível de ser rejeitada. Até por isso pode chamar Jeff para sair às 6 da manhã, ela pode flertar no mercado com ele, pode se vestir exuberante pra ir ao mercado – pois na fantasia dela ela pode tudo. Mas e se ela não precisar ser necessariamente assim?

É nesse momento ao refletir sobre como anda vivendo sua vida, as atitudes que andou tomando, pensa *"[...] algo me diz que tenho que parar. Não a doença, isso nunca vai parar. Mas não dar as pessoas uma chance de criarem seu próprio conceito sobre mim. Dar a eles pelo menos uma chance, uma opção, uma escolha, com certeza tem alguém lá fora que pode me aceitar como eu sou. Um ser humano que pode aceitar as duas pessoas que existem em mim. Não dá para mostrar para os outros apenas uma parte de mim mesma."* (26m42s).

A partir desse pensamento, a narrativa construída por Lexi passa por uma grande mudança. Em um movimento diferente de tudo que havia vivido até então, amplia os sentidos e significados, pensando pela primeira vez que não precisa mostrar apenas uma parte de si para ser aceita. Penso que quando Lexi fala em dar a opção ao outro de escolher se quer ou não permanecer com ela, apesar de referir a um outro, acaba fazendo menção a si-mesma, o que até este momento da história não havia acontecido. Lexi não considerava dar espaço ou visibilidade para seu lado depressivo nas relações que travava, nem com ela mesma.

Assim, pode-se entender que neste momento uma possível nova relação consigo mesma foi se estabelecendo, onde aos poucos a sua finitude e imperfeição do ser foi tomando espaço e aparecendo em sua fala. Antes era renegada ou vivida de forma estagnante, e agora, uma nova possibilidade de lidar com seu fim se mostrou. Casanova (2015) comenta sobre como a recuperação de finitude abre a possibilidade da concretização do poder-ser de forma articulada com a temporalidade:

A reconquista da finitude pressupõe, por sua vez, uma antecipação do futuro, que traz justamente o acontecimento futuro da morte para o instante, para o espaço de concretização da dinâmica mesma do poder-ser. É só quando o ser-aí existe segundo o horizonte de sua finitude que ele realiza a si mesmo em sintonia com o poder-ser. Ao mesmo tempo, a morte tem um potencial desvelador específico, na medida em que ela traz à tona o todo fenomenal do ser-aí (CASANOVA, 2015, p. 131).

Esse novo ponto de vista culminou em um movimento de abertura da personagem. Ao ser demitida do emprego que estava, chama sua colega de trabalho Sylvia para tomar um café, e nesse encontro, sem mais nem menos, diz: *“Eu sou bipolar”* (28m40s). Neste diálogo com sua colega, pela primeira vez em sua vida compartilha suas angústias – medo das pessoas não gostarem dela por conta de seu diagnóstico, receio de não conseguir emprego, medo de expor seu lado frágil e imperfeito.

Relata o real porquê de suas faltas no trabalho, e conta como é viver com tal dinâmica existencial – *“E eu acho que deve saber com quem está lidando se formos nos ver fora do escritório, mas há períodos em que eu fico incrivelmente deprimida e que eu mal consigo me mexer. E fica difícil conviver comigo. Eu mal posso atender o telefone, eu não sou confiável como amiga, eu sou na verdade a pior amiga que você poderia ter, eu não atendo nenhum requisito pra isso.”* (28m40s)

Sylvia em dado momento pergunta como Lexi estaria se sentindo ao contar tudo isso para ela, e Lexi diz que é como se um elefante tivesse tirado as patas de cima de seu peito. E para surpresa de Lexi, que antes tinha a certeza de que se alguém soubesse de todas as suas faces iria embora, foi contrariada por Sylvia que a aceitou do jeito que ela era, sem críticas sobre seus melhores ou piores momentos. Lexi pôde então viver a experiência de não ser rejeitada, contrariada em tudo que havia solitariamente construído em sua narrativa sobre si mesma, uma vez que acreditava que a única possibilidade de ser aceita ao se relacionar com o

outro era se mostrando perfeita em todos os aspectos, ignorando suas imperfeições e condição de limitada e finita.

Em outras palavras, é so partir da antecipação da morte que o ser-aí passa a se realizar plenamente em sintonia com todos os existenciais que lhe são constitutivos. No momento em que uma tal realização se dá, por sua vez, o ser-aí tem uma nova relação consigo mesmo (CASANOVA, 2015, p.132).

A conversa com sua nova amiga foi decisiva para a protagonista mudar seu modo de relacionar com o mundo e os outros, ao ponto que após contar com Sylvia resolveu ligar e comunicar a todas as pessoas que já havia se relacionado e parado de manter contato sem motivo a parente as comunicando do seu real eu, mostrando-se por completo, orgulhando-se de ser quem é – *“Assim, prometi a mim mesma que ninguém ficaria sem saber de tudo sobre mim. A boa, a má e a louca.”* (31m33s)

Por fim, relata que ao ponto que conseguiu se aceitar e mostrar ao mundo quem ela realmente é, conseguiu de fato trabalhar de forma efetiva com médicos psiquiatras e psicólogos, aderindo ao tratamento, fazendo com que suas mudanças de humor não continuassem sendo tão bruscas como antes, conseguindo manter relações e estabilidade em sua vida.

Um aspecto relevante sobre ser Dasein evidencia-se neste momento: a importância da confiança. Lexi ao experienciar a mania não precisava de confiança porque ela já tinha a certeza de que tudo iria dar certo, ela não precisava confiar. Quando há uma confiabilidade fica implícito a imprevisibilidade das coisas, mas seguimos mesmo assim sem ter certeza do que vai acontecer, pois confiamos. Quando Lexi conquista a confiança de poder ser como é em relação a outrem, uma certa aceitação de que as coisas são imprevisíveis parece se revelar ao mesmo tempo que a confiança sem sua capacidade de suportá-las. Ao se arriscar em abrir-se para os outros sobre seu diagnóstico, se arrisca à possibilidade de mudança. E considera a ajuda de tratamento psicoterapêutico e psiquiátrico.

Assim, o cuidado (*Sorge*) mostra-se mais evidente - modificado, ao ponto que consegue integrar a compreensão de sua finitude, antecipando sua morte, angustiando-se com tal condição, entrando em contato com tal conjuntura e recuperando assim a responsabilidade que é ser si-mesmo (CASANOVA, 2021). Lexi vai atrás do que acha que é mais ela, conseguindo equilibrar suas inconstâncias e estruturar sua vida, com continuidade, amizades e trabalho.

É evidente, de acordo com o pensamento fenomenológico, que a doença e a saúde são influenciadas tanto pela capacidade de realização quanto pela liberdade do ser, isto é, pela

habilidade do indivíduo de concretizar sua existência e pela forma mais ou menos livre com que lida com as circunstâncias. Na doença, há uma restrição mais intensa na capacidade de vivenciar livremente sua existência, enquanto na saúde, essa capacidade se manifesta pela habilidade de aproveitar de forma mais livre as oportunidades de interação que se apresentam na vida de cada pessoa (CARDINALLI, 2012).

Porém, podemos perceber que no decorrer da trajetória de Lexi, foi possível observar momentos em que a “doença” está mais presente e outros que a “saúde” se evidencia mais, movimento natural do que é ser Dasein, assim, vejo a personagem que tenta lidar com as condições que são a dela das formas que lhe é possível, indo em busca de abrir horizontes de sentido. Diante do exposto, é possível reiterar que Lexi é muito mais que bipolar, muito mais que alguém doente – ela é uma pessoa, com suas angústias e dificuldades como qualquer outra, que tem uma especificidade por conta da condição que é a dela, tendo que achar estratégias para lidar com tal situação. Dessa forma, o episódio se encerra, mostrando a trajetória da personagem que abriu seus horizontes, aumentando seu grau de liberdade perante as possibilidades de se relacionar com o mundo, o outro e a si mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No fazer deste trabalho, propus-me a discorrer sobre o mundo vivido de Lexi, personagem que proporcionou diversas constatações acerca de sua existência – perpassada pelo convívio com o transtorno afetivo bipolar. Durante os capítulos introdutórios, baseados na fenomenologia existencial e conhecimentos adquiridos sobre estudos da psicopatologia fenomenológica, busquei enfatizar o diálogo que tal abordagem faz com as questões advindas de ser Dasein.

Ao longo deste trabalho, um questionamento importante que me acompanhou foi sobre o sofrimento humano e se ele é algo que poderia ser tabelado, transformado em uma fórmula. Seguimos um caminho da psicologia que ignora as dimensões ontológicas, aceitando historicamente que o ser humano é algo puramente natural, mensurável e controlável. A divisão de sujeito e objeto se faz muito presente.

Ao nos encontramos com um fenômeno, em minha opinião, é imprescindível ir além disso, já que muitas vezes essa tradição da divisão sujeito-objeto acaba nos distanciando do fenômeno como ele se mostra, vindo ao invés de um ser humano, um doente, depressivo, esquizofrênico, bipolar entre outros. Acabamos rotulando a existência da pessoa que está a nossa frente sem ao menos refletir sobre isso. Essa pessoa poderia ser além disso?

Isso, para mim, uma recente fenomenóloga, mostra-se como algo que atrapalha entrar em contato com uma noção mais autêntica do fenômeno que é ser Dasein, que vai muito além de rótulos e da coisificação do fenômeno humano. A noção de doença cartesiana desvirtua o fenômeno que nós somos, desvirtua nossa compreensão sobre sofrimento – um dos principais enfoques nos estudos da psicologia.

Ao nos voltarmos para Lexi, observamos que o que se apresenta não é a bipolaridade em si, não é o rótulo que a foi imposta, mas sim a forma como ela lida com seu sofrimento e sua existência a partir das condições que lhe foram dadas, que são dela, questões próprias de ser Dasein. Viver não é fácil, temos que lidar com diversas situações: a relação com os outros, com o tempo cotidiano que nos é imposto, com toda uma trama que vai ditando os nossos modos de ser no mundo.

Assim, ao me aprofundar na personagem de Lexi, vários aspectos se apresentaram: a forma como tenta exaustivamente mascarar sua condição de finitude ao experienciar a mania,

blindando-se das suas limitações, se corporeificando como alguém jovial, bela e sem defeitos – capaz de tudo. Recusa suas condições ontológicas, principalmente do ser-para-morte. Acaba passando o limite em relação ao outro, já que não concebe a ideia de limite, fim, o que acaba acarretando uma existência por retalhos, tendo dificuldade de manter relações com os outros, já que a continuidade e rotina são muito importantes ao estarmos em mundo com certas determinações prévias.

Também foi observado que ao experienciar a depressão, vira finitude pura, já que optou por lidar com seus altos e baixos ignorando seu lado “ruim”. Assim, tenta viver em torno de suas explosões, onde se sente totalmente potente e perfeita, já que apenas se sente segura para conviver com os outros se a falta de garantias de limitações que se apresentam em qualquer troca humana não se mostrem a ela. Dessa maneira, ou é potência pura, ou não é nada – apenas alguém que fica em sua cama aguardando a felicidade voltar.

A conquista da confiança se mostrou decisiva para a personagem mudar o rumo de suas escolhas, já que foi compreendendo que conseguiria lidar com a imprevisibilidade de ser Dasein e que, contrariando o que vinha construindo até agora, poderia ser aceita mesmo que se mostrando imperfeita – não apenas nos momentos em que acreditava estar sendo o melhor dela. Dessa maneira, ao conquistar a confiança de que mesmo a vida tendo um caráter incerto, ela conseguiria seguir, se arriscando a entrar em um relacionamento, buscar tratamento psicológico e psiquiátrico e confiando na possibilidade que poderia levar sua vida de outra maneira.

Com isso dito, encerro este trabalho, por agora. E espero que outras pessoas possam se inspirar com o que foi dito, que continuam a produzir tantas boas reflexões e que vejam além daquilo que é regra e é considerado “natural”, iluminando novos caminhos para um fazer da psicologia ético, digno e principalmente: mais humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM-IV. Porto Alegre: Artmed, 2002.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM-V. Porto Alegre: Artmed, 2014.

APARECIDO, M., CORRÊA, L., UGA, D. O intenso e vazio viver maníaco-melancólico. *ConScientiae Saúde*, v. 9, n.3, p. 510-520, 2010.

Binswanger L. On the manic mode of being-in-the-world. In: Straus E, editor. *Phenomenology, pure and applied*. Pittsburgh, PA: Duquesne University Press 1964, p. 131-132.

BUENO, Ricardo. Um estudo a respeito do existencial compreensão na obra *Ser e Tempo* de Martin Heidegger. Tese (Mestrado em Filosofia) Faculdade de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2012.

CARDINALLI, Ida. *Daseinsanalyse e Esquizofrenia: um estudo na obra de Medard Boss*. São Paulo: Escuta, 2012.

CARDINALLI, Ida. Heidegger: o estudo dos fenômenos humanos baseados na existência humana como ser-aí (Dasein). *Psicologia USP*. v. 26, n.2, p. 249 - 258.

CASANOVA, Marco Antonio. *Compreender Heidegger*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. - (Série Compreender).

CASANOVA, Marco Antonio. *Existência e Transitoriedade: Gênese, compreensão e terapia dos transtornos existenciais*. Rio de Janeiro: Via Verita. 2021

COSTA, I. RAMOS, T. Primeiras crises psíquicas graves: O que a Fenomenologia pode dizer?. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, v.8, n.2, p. 252-264, 2018.

COSTA, M. Transtorno afetivo bipolar: carga da doença e custos relacionados. In: *Archives of Clinical Psychiatry*, v. 35, n. 3, p. 104-110, São Paulo, 2008.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2016.

FUCHS, T. Psychopathology of depression and mania: symptoms, phenomena and syndromes. *Journal of Psychopathology*. v. 20, p. 404 - 413, 2014.

GOMES, PAIVA & FROTA. Fenomenologia, Humanização e Promoção da Saúde: uma proposta de articulação. *Saúde Soc*, São Paulo, v.17, n.1, p. 142-152, 2008.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 19. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

JASPERS, K. *Psicopatologia Geral*, São Paulo: Atheneu, 1973.

KAPLAN, SADOCK & GREBB. *Compêndio de Psiquiatria Dinâmica*. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KARWOWSKI, S. Por um entendimento do que se chama psicopatologia fenomenológica. In: *Revista de Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies*, v. XXI, 62-73, Goiânia, 2015.

HOLZHEY-KUNZ, Alice. *Daseinsanálise: o olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

LEITE, M., MOREIRA, V. A contribuição de Tellenbach e Tatossian para uma compreensão fenomenológica da depressão. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 61, n. 3, p. 46-56, 2009.

ME ACEITA COMO EU SOU, QUEM QUER QUE EU SEJA (Temporada 1, ep. 3). *Modern Love*. Direção: John Carney. Produção: Trish Hofmann. Amazon Studios, 2019.

Merleau-Ponty, M. (1945). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.

MOREIRA, V. A contribuição de Jaspers, Binswanger, Boss e Tatossian para a Psicopatologia Fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 17, n.2, p. 172-184, 2011.

MOREIRA, V., BLOC, L. Fenomenologia do tempo vivido no transtorno bipolar. In: *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 28, 443-450, Fortaleza, 2012.

MOREIRA, V., TATOSSIAN, A. *Clínica do Lebenswelt: Psicoterapia e psicopatologia fenomenológica*. São Paulo: Escuta, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde - CID-10*. Trad.: Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

RIBEIRO, J. *Introdução à Fenomenologia*. Campinas: Edicamp, 2003.

ROMERO, E. *O Inquilino do Imaginário: Formas de Alienação e Psicopatologia*, São Paulo: Lemos Editorial, 1997.

SANTOS, Gabriel. *Infância e Terapia: Uma investigação fenomenológica sobre o encontro terapêutico*. Tese (Trabalho de conclusão de curso em Psicologia) Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2018.

SCHNEIDER, D. Caminhos históricos e epistemológicos da psicologia: contribuições da fenomenologia e existencialismo. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, Florianópolis*, v. 1, n. 2, p. 63-76,

SOUZA, C., VIRGINIA, M. A Compreensão da Experiência de Depressividade na Tradição da Psicopatologia Fenomenológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 34, e3446, 2018.

TATOSSIAN, A. *Fenomenologia das psicoses*. São Paulo: Escuta, 2006.

TEIXEIRA, J. Introdução às Abordagens Fenomenológica e Existencial em Psicopatologia (I): A Psicopatologia Fenomenológica. *Análise Psicológica*, v. 9, n. 4, p. 621-627, 1993.

TENORIO, C. A psicopatologia e o diagnóstico numa abordagem fenomenológica–existencial. *Universitas Ciências da Saúde*, v. 1, n. 1, p. 31-44, 2003.

TRINCA, R. T. A filosofia transcendental de M. Heidegger e o problema do fundamento do ente. 2002. 117 f. Tese (Trabalho de conclusão de curso em Psicologia) Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2002

Anexo I

Sinopse - Episódio Três: “Me Aceita como Eu Sou, Quem Quer que Eu Seja”.

No início do episódio Lexi, usando roupas extravagantes dentro de um supermercado. O supermercado é retratado como Lexi o percebe, fantasiosamente frequentado por pessoas que dançam músicas nos corredores. Em certo momento, vê um homem chamado Jeff e inicia um flerte e o convida para sair. Até esse momento do episódio, Lexi encontra-se expansiva, extremamente alegre, com certa impulsividade e extravagância no vestuário, esbanjando simpatia e contagiando todos ao seu redor com sua alegria e energia.

No decorrer do episódio, mudanças de humor e de comportamentos acontecem: a protagonista não consegue fazer mais nada de prático - se isola em sua casa, falta dias seguidos ao trabalho. Lexi é demitida de seu trabalho. Apesar de ser uma pessoa que se destaca no ramo, suas ausências no trabalho decorrente das suas oscilações de humor afetam seu dia a dia. Lexi também não consegue concretizar os encontros marcados e remarcados com Jeff, por não conseguir comparecer. Tanto a perda do emprego como o desencontro amoroso fazem com que Lexi resolva se abrir para as pessoas ao seu redor, dizendo sobre seu diagnóstico (já que antes o escondia da sociedade). Se confidencia com Sylvia, uma amiga do antigo trabalho, busca um médico psiquiatra de qualidade que organiza suas doses de medicamentos para serem efetiva, inicia terapia, contacta antigos amigos e namorados para conversar sobre sua condição. O episódio se encerra com uma personagem com humor equilibrado, conseguindo manter constância na vida ao não ter mais que passar por mudanças de humor drásticas, recuperando sua autonomia e qualidade de vida.

Anexo II

DESCRIÇÃO DAS CENAS:

MINUTO	HUMOR	TRECHO	OBSERVAÇÕES
01m40s	Regular	"Quem sou eu? Sou uma pessoa difícil de descrever."	
02m25s	Regular	"Quer saber quem eu sou? Eu vou dizer quem eu sou. Estava em um supermercado,	

		anos atrás, procurando pêssegos. Estava com um desejo louco por pêssegos."	
02m42s	Mania	"Eu estava brilhante, literalmente brilhante. Eu escolhi para ir ao supermercado de manhã cedo uma blusa de lantejoulas que eu simplesmente adoro e que eu nunca conseguia encontrar a ocasião certa para usar. Combinou com meu humor. Eu estava de muito bom humor. O que é meio que um problema."	Supermercado hiper colorido, pessoas dançando atrás dela em ritmo com música.
	Mania	Encontra um moço na área de pêssegos do mercado, começa a flertar com ele, ele se chama Jeff.	
04m50s	Mania	Jeff: "Você tá legal? Parece que está um pouco agitada." Lexi: "Pode ser o tapa que dei na coca hoje de manhã. Brincadeira. É que estou há algumas noites sem dormir. Três noites." Jeff: "É mesmo? Tem que cumprir algum prazo?" Lexi: "Não, eu só... A vida é muito interessante pra dormir, você entende?"	Supermercado hiper colorido, pessoas dançando atrás dela em ritmo com música.
05m39s	Mania	Jeff: "Você simplesmente iluminou meu dia. Eu tava tipo, cansado, desanimado, sem rumo e aí a Rita Hayworth aparece no	Supermercado hiper colorido, pessoas dançando

		<p>supermercado. Não dá pra deixar umas coisas dessas passar pela nossa frente."</p> <p>Lexi diz de forma impulsiva: "Eu te amo!"</p>	atrás dela em ritmo com música.
06m50s	Mania	<p>Vai a um café com Jeff e mostra a cena deles se divertindo, conversando, interagindo etc. Lexi se mostra muito alegre, fazendo piadas, sendo um encontro muito bom. Se despedem e após se separarem Lexi faz uma performance com danças e dançarinos com uma música alegre, com a letra se referindo a Jeff e como ela está apaixonada.</p>	
09m32s	Regular	<p>Sua colega de trabalho Sylvia a comunica que o RH mandou avisá-la que anda faltando muito, quatro dias de vinte em um mês. Lexi diz que tem síndrome intestino irritado, por isso falta demais.</p> <p>Sylvia: "Não importa o quanto você é boa no seu trabalho, eu simplesmente não consigo defender alguém que falta tanto para nossos chefes."</p>	
10m53s	Depressão	<p>O humor de Lexi humor começa a abaixar ao chegar em casa.</p> <p>Lexi: "É aí que o problema aparece. Eu não sei qual é o gatilho. Açúcar no sangue? Químico? Psicológico? Quem sabe? Mas vem como um monstro de filme antigo em preto e branco e não importa o quanto você corra, ele continua com você. E só existe um</p>	<p>Música triste, algum tempo se passa e Lexi se mantém deitada em sua cama, no escuro, apática, claramente abalada.</p>

		lugar que ele não consegue te encontrar [cama]"	
12m45s	Depressão	Recebe ligação de Jeff, o moço que ela tinha ido ao café, e tinha marcado de sair com ele novamente. Lexi tinha esquecido do encontro e diz: "A Rita Hayworth arranjou um encontro é?"	Ela vai em direção ao encontro, triste, desarrumada, andando devagar, falando devagar - claramente abatida.
		O encontro não deu certo.	
19m00	Mania	Lexi: "Uma manhã perfeita. Pássaros cantando na minha janela, o cheiro de grama fresca sendo cortada." Volta a ter interesse em Jeff, liga pra ele as 6 da manhã, o acorda ao ligar e chama ele pra sair.	Fala animada, rápido.
21m14s	Mania	Lexi: "Eu não sei você mas quando acordo com esse tipo de humor é como se eu estivesse pronta para meu próprio programa de TV."	Após isso parece uma suposta abertura de seu programa de tv.
	Mania	Limpa toda casa e se arruma para o encontro.	
23m55s	Depressão	Quase na hora do encontro seu humor muda. Desaba no chão, não consegue atender a campanha. Chora muito. Jeff vai embora.	
25m33s	Depressão	Lexi: "Aí está o silencio. O silencio doentio de outro homem saindo da minha vida, até	

		<p>mesmo antes de passar pela porta de entrada. Um silencio da minha própria criação. Como uma mãe louca e violenta enxotando os adolescentes da porta enquanto a filha está trancada lá em cima. Ele teria ficado? Jeff, se ele soubesse?"</p>	
26m02s	Depressão	<p>Lexi: "Se eu tivesse aberto o jogo naquele dia do supermercado dizendo "<i>Ah, a propósito, eu sou bipolar, mas estou me tratando, tudo bem?</i>" Ele teria corrido para a sessão de congelados com um "<i>tudo bem!</i>" e um sorriso educado? Ali estava um homem que não sabia lidar com pêssegos machucados, como ele aceitaria uma psique danificada? Por favor volte, não volte, por favor volte, não volte."</p>	
26m42s	Depressão	<p>Lexi: "Até que, deitada aqui, enquanto um homem completamente doce e bonito, se afastando da minha porta, algo me disse que isso tinha que parar. Não a doença, isso nunca vai parar. Mas não dar as pessoas uma chance de criarem seu próprio conceito sobre mim. Dar a eles pelo menos uma chance, uma opção, uma escolha, com certeza tem alguém lá fora que pode me aceitar como eu sou. Um ser humano que pode aceitar as duas pessoas que existem em mim. Não dá pra mostrar para os outros apenas uma parte de mim mesma."</p>	

		É demitida por faltar muito no trabalho, vai pegar as coisas no escritório e Sylvia sua amiga a convida pra tomar café.	
28m40s	Depressão	<p>No meio da conversa nesse café Lexi diz, "Eu sou bipolar." Se abre para Sylvia.</p> <p>Sylvia: "Porque você nunca me contou?"</p> <p>Lexi: "Quem vai querer um advogado com transtorno mental na área de direito do entretenimento?"</p> <p>Sylvia: "Porque tá me contando agora?"</p> <p>Lexi: "Porque você é mais que trabalho. E eu acho que deve saber com quem está lidando se formos nos ver fora do escritório, mas há períodos em que eu fico incrivelmente deprimida e que eu mal consigo me mexer. E fica difícil conviver comigo. Eu mal posso atender o telefone, eu não sou confiável como amiga, eu sou na verdade a pior amiga que você poderia ter, eu não atendo nenhum requisito pra isso."</p>	Está saindo de uma fase depressiva.
30m25s	Depressão	<p>Lexi: "Estou saindo de uma depressão. Hoje a noite eu vou ficar muito louca. Você foi a primeira pessoa que contei."</p> <p>Sylvia: "E como se sente contando?"</p> <p>Lexi: "Como se um elefante tivesse tirado as patas de cima do meu peito"</p>	Está saindo de uma fase depressiva.

		<p>Sylvia: "Que bom que você me contou. Isso explica muita coisa. Não sabendo o motivo ficava um pouco difícil de me conectar com você, do jeito que eu queria."</p> <p>Lexi: "Então você quer sair comigo um dia? Ir no cinema, ver umas pessoas? [chorando]"</p> <p>Sylvia: "Todas as opções acima. Você é a pessoa mais divertida que eu conheci, eu não vou deixar isso passar."</p> <p>Lexi: "Obrigada."</p>	
31m33	Regular	<p>Lexi: "É incrível o que confiar em um amigo de verdade pode fazer em sua vida. Contar pra Sylvia foi como expor meu segredo para todos. Liguei pros meus antigos namorados, colegas que parei de falar sem motivo. Eu me sentia quase orgulhosa da minha condição. Foi uma purificação, estranhamente curando e perdoando e entendendo como eles eram e como dei tão pouco crédito as pessoas. Assim, prometi a mim mesma que ninguém ficaria sem saber de tudo sobre mim. A boa, a má e a louca."</p>	
32m11s	Regular	<p>Lexi: "Desde então comecei a encontrar o médico certo e a dose certa. Sei que não existe a cura pro desequilíbrio químico do meu cérebro, assim como uma cura para o amor, mas tem um pequeno comprimido amarelo que eu adoro, e um azul clarinho, e umas capsulas cor de rosa e outro punhado</p>	<p>Descrição sobre si mesma no site de encontros que estava se cadastrando.</p>

		de cores que mudaram minha vida. Eu tenho mudanças de humor, mas isso não me faz mais ficar tão instável. E voltei a ter encontros. Eu sou assim, se isso não te assustou, então sinta-se à vontade para me deixar uma mensagem.”	
--	--	---	--

HISTÓRIA DA PERSONAGEM - 16m38

"Começou no ensino médio. Um dia eu quis ficar na cama, os meus pais deixaram. Eu achei que estivesse doente porque eu não conseguia sair da cama. Vinte um dia depois eu ainda estava lá. As crianças têm um jeito surpreendente de lidar com novas informações. Elas não sabem como certas coisas não são como deveriam ser. Foi aí que eu saquei o truque pra conviver com isso. Eu consegui compensar com intensas crises de produtividade. Eu me tornei a melhor aluna. Assim eu podia perder 50% do ano, porque era brilhante na outra metade. Mesmo em Vassar eu ficava semanas no meu dormitório sem sair e seguida as semanas ficava na biblioteca pra conseguir as melhores notas. Quando eu mudei pra Nova York consegui entrar nos melhores escritórios de advocacia... Até que um por um todos perceberam que meu olho clínico, trabalhando até tarde da noite em um caso simplesmente era para compensar os dias que eu faltava. Ao longo de tudo isso foram inúmeros divãs, análises, terapia de eletrochoque, cognitivo-comportamental, e terapia medicamentosa entre outros nomes. Enquanto isso eu ia mantendo chefes, parentes e amigos alegremente inconscientes com desculpas, só aparecendo quando tinha certeza do que os impressionaria. Foi isso que minha vida se tornou. E ninguém sabia realmente quem eu era. Mas quando as oscilações finalmente passavam eu conseguia lidar com isso."